

EDUCAÇÃO MUSEAL:

conceitos, história e políticas

3 Sistematização da educação museal: planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais & Teoria educacional, formação, pesquisa e comunicação na educação museal



MUSEU
HISTÓRICO
NACIONAL

EDUCAÇÃO MUSEAL: conceitos, história e políticas

3 Sistematização da educação museal: planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais & Teoria educacional, formação, pesquisa e comunicação na educação museal

Organizadores: Fernanda Castro
Ozias Soares
Andréa Costa

MUSEU
HISTÓRICO
NACIONAL

2020

M986e Museu Histórico Nacional (Brasil).

Educação museal : conceitos, história e políticas /
organizadores: Fernanda Castro, Ozias Soares, Andréa Costa. Rio de
Janeiro : Museu Histórico Nacional, 2020.

87 p. : il. – (Sistematização da educação museal:
planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais & Teoria
educacional, formação, pesquisa e comunicação na educação museal, III).

ISBN: 978-65-88035-04-7

I. Museus – aspectos educacionais. 2. Educação –
museus. I. Castro, Fernanda. II. Soares, Ozias. III.
Costa, Andréa. IV. Título.

CDD 069.15

SUMÁRIO

Educação Museal: conceitos, história e políticas Vania Drummond Bonelli	6
Apresentação Fernanda Castro, Ozias de Jesus Soares, Andréa Fernandes Costa	7
Prefácio Maria Esther Alvarez Valente	11
Sistematização da educação museal: planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais	16
Relato de Experiência: Educação museal e tentativas de avaliação Ruth Vaz Costa	17
A implantação do Núcleo Educativo do Mauc: políticas públicas, planejamento e experimentação Saulo Moreno, Graciele Karine Siqueira, Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia	30
Bolo de cenoura com cobertura de chocolate e museus comunitários: Elos poéticos e afetivos nos processos educativos do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos Padre Mauro	44

Teoria educacional, formação, pesquisa e comunicação na educação museal	54
Tessituras pedagógicas, entre o museu e o mundo Ricardo Rubiales	55
O Grupo de Pesquisa Educação Museal: conceitos, história e políticas Jonatan da Silva, Priscila Borges, Thiago Consiglio, Fernanda Castro	65
Relato de Experiência sobre o Grupo de Estudos da Rede de Educadores em Museus da Bahia Igor Alexander Nascimento de Souza, Hilda Bárbara Maia Cezário, Mona Ribeiro Nascimento, Leane Cristina Ferreira Gonçalves	75

EDUCAÇÃO MUSEAL: CONCEITOS, HISTÓRIA E POLÍTICAS

O Museu Histórico Nacional tem a satisfação de apresentar a série “Educação Museal: conceitos, história e políticas”, com cinco volumes que tratam de temas diversos presentes no desenvolvimento da Educação Museal no Brasil.

Desde a criação do primeiro Curso de Museus do país, em 1932, o Museu Histórico Nacional mantém seu papel inovador e, recentemente, vem contribuindo para a implementação dos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal.

A série tem como objetivo contribuir para a formação dos profissionais da Educação Museal, na difusão do conhecimento produzido e no incentivo à troca de experiências. Torna-se importante registrar, neste momento, a participação especial de jovens profissionais e especialistas, de todas as regiões do Brasil, de países da América Latina e da África.

Por meio da efetiva atuação do Núcleo de Educação, o museu vem construindo referências no campo do conhecimento e das práticas educativas. Agradecemos aos colaboradores do projeto, aos nossos apoiadores e ao Instituto Brasileiro de Museus, esperando que todos possam usufruir momentos de reflexão e consequentes ações inovadoras.

Vania Drummond Bonelli
Diretora Substituta

APRESENTAÇÃO

Em 2017, foi definida a Política Nacional de Educação Museal, após um processo de construção participativa que se iniciou em 2010 e que contou com a colaboração de educadores museais, agentes públicos, professores, estudantes, pesquisadores e demais profissionais de museus.

O texto final da Pnem apresenta os cinco princípios e as 19 diretrizes para Educação Museal no Brasil, sendo estas últimas divididas em três eixos: I - Gestão, II - Profissionais, pesquisa e formação e III - Museus e comunidade.

Entre as diretrizes do Eixo II estão aquelas que orientam o poder público, instituições e profissionais no sentido da promoção da formação profissional dos educadores museais.

A pesquisa, a realização de eventos e a oferta de cursos em diferentes níveis são exemplos de elementos necessários para essa promoção. Em todos esses casos o registro sobre práticas, concepções teóricas, conceitos e atuação política se fazem necessários.

A produção de conhecimento em Educação Museal se dá no Brasil há quase um século nos museus e no âmbito acadêmico há pelo menos 40 anos. Apesar disso, a forma difusa e descentralizada com que ocorre dificulta o conhecimento e a divulgação das pesquisas e reflexões produzidas sobre o tema.

No século XXI, a partir da instituição da Política Nacional de Museus, há uma tentativa de organização da área museal e de continuidade em suas políticas públicas, inclusive naquelas que envolvem a formação inicial e continuada dos profissionais de museus e que realizam processos museais em diferentes espaços.

Um fenômeno um pouco mais recente é a busca por uma **consolidação da Educação Museal como campo científico, profissional e político**. Nesse sentido vemos surgir uma série diversa de fatos que contribuem para a construção do campo da Educação Museal.

Desde o processo de construção participativa da Pnem, o Museu Histórico Nacional vem estabelecendo formas de colocá-la em prática, seja por meio de seus programas, projetos e ações, seja pela constituição de uma equipe e legado institucional.

A partir das orientações dessa política o museu estruturou seu Núcleo de Educação e elaborou, de forma participativa, o Programa Educativo e Cultural - a Política Educacional do MHN, documento que apresenta diagnósticos, estrutura organizativa, concepções e conceitos orientadores do trabalho educativo e as atribuições dos integrantes da equipe de profissionais de educação do museu.

O Núcleo de Educação é organizado, atualmente, em três programas:

- 1 - Programa de desenvolvimento e formação do público;
- 2 - Programa de pesquisa e criação em Educação Museal e
- 3 - Programa de desenvolvimento de parcerias.

É no contexto do Programa de pesquisa e criação em Educação Museal que foi criado o Grupo de Pesquisa “**Educação Museal: conceitos, história e políticas**” (GPEM), que é vinculado ao diretório do Instituto Brasileiro de Museus na plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Criado em junho de 2018, como uma linha de pesquisa do grupo “**Escritas da história em museus: objetos, narrativas e temporalidades**”, também vinculado ao diretório do Ibram no CNPq, um ano depois do início de suas atividades, o GPEM foi transformado em um grupo autônomo.

Com encontros mensais que realizam leituras e debates de textos e referências na temática da Educação Museal, o grupo reúne integrantes de diversas instituições e regiões do Brasil, promovendo também eventos, cursos, parcerias e, agora, inaugurando a realização de publicações.

Entendemos a **Educação Museal como um campo científico em construção**, que produz conhecimento específico na relação entre museus, universidades, pontos de memória, escolas e demais espaços onde ocorram processos de formação integral. Temos a Pnem como referência e a entendemos a **Educação Museal como um conceito histórico e teoricamente referenciado que está em processo de construção coletiva**.

Nosso grupo tem integrantes com diversos níveis de formação e que pertencem a diversos tipos de instituições, como museus, centros de ciência, centros culturais, escolas, universidades, empresas de turismo e consultoria em diversos assuntos. Nossas reuniões e eventos são abertos à participação.

Acreditamos que a diversidade de pessoas, crenças, epistemologias e práticas constitui a riqueza do campo da educação museal. Por isso mesmo, acreditamos na construção de uma **Educação Museal democrática, crítica, transformadora** e baseada nos contextos e circunstâncias em que nos inserimos.

Nesse sentido, defendemos a necessidade de desenvolvimento de **uma Educação Museal fundamentada em premissas decoloniais, que respeitem a história e as manifestações culturais e científicas**. Entendemos que nesse contexto há semelhanças entre o que chamamos de “**eixo sul**”, incluindo entre parceiros do Brasil: México, Perú, Argentina, Chile, Equador e Colômbia, representando a América Latina e, por enquanto, Moçambique, representando uma realidade da África que utiliza a língua portuguesa.

Nessa série de livros, intitulada “Educação Museal: conceitos, história e políticas”, contaremos com cinco volumes, cada um com dois temas e participação de autores representando o conhecimento já consagrado em nosso campo, as pesquisas recentes e as práticas da Educação Museal contemporânea. A partir de **múltiplos olhares e diferentes concepções de mundo e de Educação Museal**, os autores apresentaram uma rica gama de assuntos, experiências e pontos de vista, que contempla a diversidade de realidades, dos diferentes países e das regiões do Brasil participantes.

A ideia central dessa série é contribuir para a **difusão do conhecimento em Educação Museal e para a formação individual e coletiva dos profissionais e gestores da área**. Por isso apresentamos textos com perfil didático e indicações de pesquisa e continuidade de estudos, que permitam ao mesmo tempo o conhecimento de práticas estabelecidas na área e a reflexão sobre as mesmas.

O volume 1, trata da “História da Educação Museal no Brasil” e da “Prática político-pedagógica museal”, contando com autores do Rio de Janeiro, Pará, Rio Grande do Sul e de Maputo (Moçambique).

No volume 2 serão tratados os temas “Educação Museal: gestão, financiamento e reconhecimento da função educativa dos museus” e “A questão da profissionalização da educação museal”.

O volume 3 trará debates em torno da “Sistematização da Educação Museal: planejamento, registro e avaliação de ações e sobre “Teoria educacional, formação, pesquisa e comunicação na Educação Museal”.

No volume 4, teremos textos sobre “Museologia social, decolonialidade e Educação Museal” e “Relações entre museu e sociedade: escolas, comunidades, e a diversificação de públicos”.

Fechando a série, o volume 5 apresentará debates em torno da “Educação Museal e cibercultura” e da relação “Acessibilidade em museus e educação”.

Reunimos diversos autores, com diversos perfis e perspectivas teóricas e práticas, do Brasil, da América Latina e África, para nos brindar com seus múltiplos olhares e experiências. Esperamos, assim, contribuir para a **produção de conhecimento, as reflexões e para a formação em Educação Museal** e para o estreitamento dos laços entre profissionais, processos e instituições museais numa perspectiva democrática, soberana e transformadora da sociedade.

Desejamos uma boa leitura!

Fernanda Castro
Ozias de Jesus Soares
Andréa Fernandes Costa

PREFÁCIO

Maria Esther Alvarez Valente*

O livro contempla uma profusão de ideias e iniciativas que nos deixam orgulhosos da direção que diferentes profissionais de museus, imbuídos do mesmo espírito renovador, tomam para a consolidação do campo de conhecimento da Educação Museal. Os artigos, apresentados nesta obra, tratam das investigações cada vez mais conscientes para sua construção e dos caminhos a serem trilhados no aprofundamento teórico, prático e organizacional sobre a especificidade da perspectiva educacional dos museus. Os conteúdos permitem vislumbrar uma direção cada vez mais segura nessa empreitada, particularmente, brasileira.

Os textos partem de diferentes narrativas, sejam eles descritivos, analíticos ou teóricos. Longe de marcar hierarquias de conteúdos se apresentam em um contínuo necessário à compreensão do tema central. Todos com argumentos importantes no processo da constituição da Educação Museal, alicerçam dessa forma seu arcabouço teórico e prático.

Um campo em construção, no âmbito acadêmico e cultural, vem mapeando seus diferentes pontos de vista. Tido como uma riqueza que abarca os aspectos da vida social e humana, imbricados na sua historicidade, a Educação Museal se dá na busca pela compreensão dessa complexidade.

O conjunto dos artigos, composto por experiências trazidas de diferentes realidades, compõem um quadro em que se percebe as intenções comuns dos autores ao viabilizar o caráter formal das iniciativas. Nessas contribuições consideram que é preciso, primeiramente, identificar a quem se dirigem, reconhecer suas especificidades e o chão em que vão atuar. Ao mesmo tempo, refletem o respeito aos sujeitos e à formação de seus aspectos culturais com os quais vão interagir. Sem negligenciar as dimensões do diálogo e do coletivo, é nas abordagens dos meandros das relações entre instituições, seus públicos e não públicos que afloram os elementos das contradições e tensões que serão negociados entre os envolvidos.

* Graduada em História (PUC-RJ); mestre em Educação (PUC-RJ); doutora em Ciências (IG-UNICAMP) e docente no Programa de Pós-Graduação de Acervos de Ciência e Tecnologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins (PPACT/MAST).

O primeiro artigo do livro, se aproxima desse entendimento. *Relato de Experiência: Educação museal e tentativas de avaliação*, se debruça sobre os museus do Estado de Goiás - Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa – todos vinculados ao Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. A questão que mobilizou a autora a se organizar e atuar sobre as instituições, partiu do desconforto causado pela falta de continuidade das ações promovidas pelas instituições educativo-culturais, junto aos sujeitos que rodeiam suas vizinhanças. Como atuar no sentido de tornar duradoura a relação? Com o propósito de responder a essa e a outras questões, Ruth Vaz Costa se concentra na exploração de suas determinantes. Ao buscar conhecer o público e as instituições da cidade de Goiás, ela sublinha que, como ponto de partida: “É importante dizer sempre que nossas práticas são nossos laboratórios, e nossos experimentos e reflexões voltados para a prática precisam achar um lugar de fixação e partilha. Que não podemos – nem devemos – restringir nossa atuação a um só aspecto, mas ampliá-la. Elaborar mais em e para sua complexidade. Só dessa forma, outros colegas de museus, e nós mesmos, poderemos perceber, e assim enriquecer e valorizar esse campo em que atuamos.”

A mesma percepção pode ser observada na experiência apresentada no artigo *A implantação do Núcleo Educativo do Mauc: políticas públicas, planejamento e experimentação*, escrito pelos profissionais do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, a saber, Saulo Moreno, Graciele Karine Siqueira e Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia Rocha. O texto traz a trajetória do Museu Cearense, e surpreende por sua antiguidade, levando a refletir que as histórias da museologia e dos museus brasileiros estão por ser divulgadas. Embora existam iniciativas, ainda parece que estamos começando. Portanto, é preciso que se revigore a memória escondida. Quantos personagens podem trazer à luz as concepções de origem, que muitas vezes, para o bem ou para o mal, teimam em aparecer, mas são sufocadas e, permanecem permeando as tensões institucionais porque não são reveladas. Como dizem os autores, o Mauc foi criado sob a visão de ser um lugar de memória das Artes Cearenses, mas tendo, também, a missão de contribuir para a formação e a sensibilização do olhar da sociedade local, voltado ao universo artístico. A valorização desse passado é insumo na retomada do Museu, que se insere na Universidade, berço da produção do conhecimento, para se reconciliar com a contemporaneidade brasileira das iniciativas políticas dirigidas aos museus.

O artigo seguinte tem por título *Bolo de cenoura com cobertura de chocolate e museus comunitários. Elos poéticos e afetivos nos processos educativos do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos*, de autoria de Mauro Luiz da Silva. O autor caminha por uma escrita carregada de emoção. As experiências narradas provocam sentidos humanos que vão além dos simples atos de ouvir, de olhar, de tocar, do cheiro e do paladar. O Museu, aqui explorado, é dinâmico em suas funções tradicionais, mas enquanto museu comunitário tem um papel relevante no acolhimento de seus vizinhos. Espaço aberto que convida a vivências cotidianas, provocando o sentimento de pertencimento nos indivíduos com aquele lugar. A prática do “lanche” diário, citado pelo autor do texto, tem papel importante nessa convivência. Tratar da sensibilidade dos sujeitos, não é só uma satisfação individual, mas um elemento para a conquista de todos, pela educação museal. É fundamental que, igualmente, se sintam em casa. Com a mesma atmosfera, outra experiência do museu aponta para a representação que os objetos musealizados passam a ter. E, ao se apropriar do termo “morada babélica”, Silva sugere abrir portas para os inúmeros ‘olhos’ que visitam o museu. Com essa determinação, a instituição é concebida como espaço das diversas linguagens e do compartilhamento de experiências tocantes que implicam o passado no presente e provocam empatia. Nesse sentido, as interações idealizadas pela afetividade reconhecem a humanidade das relações, contribuindo para a dignidade humana e social das pessoas.

Na sequência, acercando-se de parceiros da América Latina, é apresentado o artigo *Urdiduras pedagógicas, entre o museu e o mundo*, de autoria de Ricardo Rubiales. Sua participação traz, com uma abordagem teórica, o texto que trata da construção do pensamento na relação da comunicação do museu com o público, centrada na esfera da cognição. O autor desenvolve sua argumentação tendo como contexto a sociedade atual, conduzida pela velocidade das novas tecnologias, onde os indivíduos são cobrados a se adaptar a uma outra organização humana de caráter mais imediatista, em que os meios digitais cumprem papel relevante na comunicação. As instituições museológicas e a museologia, instâncias de educação e cultura desta cena, impactadas pelas mesmas circunstâncias, se atualizam, procurando acompanhar as transformações. Ao explorar a apropriação do museu pelo visitante, o autor observa que a relação entre comunicação e aprendizagem é intrínseca. E é concebida como um princípio de participação política e de compartilhamento. Assim, em sua análise, na perspectiva educacional, a visibilidade e a legibilidade serão elementos fundamentais. Mas, como passar

dos museus reducionistas organizados por temáticas disciplinares ao museu de hoje, que se pretende dialógico e considera romper com as fronteiras disciplinares? Nesse enfrentamento, o autor sublinha que o compromisso educacional é produzir, de maneira crítica, espaços de aprendizagem para o discernimento das informações. Atuar nesse sentido pressupõe que a abordagem educativa deve estar apta a promover reflexões profundas, questionando percepções pessoais e dissonâncias cognitivas sobre os saberes veiculados, desvelando as tensões na complexidade dos processos históricos e sociais sobre o que é patrimônio. Desafiando as dificuldades Rubiales se concentra nos mecanismos de desenvolvimento do pensamento a partir dos estímulos utilizados pela comunicação no museu.

O artigo *O Grupo de Pesquisa Educação Museal - GPEM: conceitos, história e políticas*, produzido por Jonatan da Silva, Priscila Borges, Thiago Consiglio e Fernanda Castro, conta o processo de criação do GPEM. A iniciativa teve por base as diretrizes da Política Nacional de Educação Museal. Profissionais do Museu Histórico Nacional, comprometidos com o fortalecimento da área de conhecimento da Educação Museal se organizaram para constituir um grupo de pesquisa registrado no CNPq, organismo federal dedicado à promoção da pesquisa científica e à formação de recursos humanos do país. Pode-se dizer que, dessa forma, a chancela da entidade imprime no cenário acadêmico a aceitação da área da Educação Museal. Estes são passos importantes para a afirmação tanto dos pesquisadores quanto da estabilidade institucional do Museu Histórico Nacional como entidade de pesquisa e formação profissional. Manter presente na ação, a teoria e a prática, exercitando-se de forma constante, como em um laboratório onde é possível a experimentação, faz toda a diferença. Sem dúvida, a qualificação no processo das ações do GPEM contribuiu não só para a formulação participativa do “Programa Educativo e Cultural - A política Educacional do MHN”, mas também destaca-se em seus compromissos a disposição para a diversidade, nas mais variadas dimensões, respeitando a pluralidade de pensamento, registradas e compartilhadas em suas discussões e produção acadêmica. A valorização da construção coletiva do conhecimento é uma assinatura do grupo, que reúne pessoas de variadas instituições, localizadas em diversas regiões do país. Nesse empreendimento, firmam-se princípios e concepções que são apresentadas no texto.

Encerra o conjunto de contribuições o artigo *Relato de Experiência sobre o Grupo de Estudos da Rede de Educadores em Museus da Bahia*, apresentado por Igor Alexander Nascimento de Souza; Hilda Bárbara Maia Cezário;

Mona Ribeiro Nascimento e Leane Cristina Ferreira Gonçalves. Os autores iniciam o relato fazendo referência a professora Maria Célia Santos, por sua atuação na Educação Museal. Homenageada em 2020, nas comemorações de 10 anos da Rede de Educadores em Museus da Bahia (REM-BA), é reconhecida no seu DNA como madrinha. Profissional incansável cuja contribuição está impressa nessa área de conhecimento, já na criação do Curso de Museologia na Universidade Federal da Bahia. Como assinalam os autores, a REM-BA é uma entidade instituída coletivamente que, desde 2010, vem atuando no campo da Educação Museal, afirmando o respeito à formação integral, aos direitos humanos, à democracia, à educação para a autonomia, à cidadania e à emancipação dos sujeitos, sendo esses princípios fundamentais de sua organização interna. No Impulso do amadurecimento das ideias cria-se, no ano de comemoração do seu decênio, o Grupo de Estudo em Educação Museal da REM-BA, tema central a que se dedica este artigo. O empenho do grupo em se estruturar, está em promover a construção de conhecimento sobre conceitos e teorias, sobretudo, para a Educação Museal, mas também sobre práticas e experiências.

Vários dos artigos, vistos aqui, assemelham-se à proposta de constituir grupos de pesquisa e podem servir de inspiração para futuras iniciativas. Supõem-se que aqueles museus de universidades, pelo próprio vínculo institucional podem ter por parte de seus setores acadêmicos mais compromisso com a certificação de experiências como as apresentadas neste livro. O que não constitui uma regra, um exemplo está no MHN com o GPEM. Portanto, é importante valorizar o registro do processo de composição dos grupos de pesquisa e das experiências de outras instâncias. Isto porque, os relatos são inspiração na mobilização de muitas outras iniciativas localizadas em instituições acadêmicas ou não. Como ficou claro nos artigos apresentados, a importância da produção de documentos não está só no registro da organização da atuação dos profissionais envolvidos. É muito mais, uma atitude que beneficia outros possíveis parceiros, em torno de ações mais estruturadas, fortalecendo a centralidade e aprofundamento do pensar e fazer teórico e prático da Educação Museal.

As experiências apresentadas são inspiradoras. É muito bom ver a positividade da força gerada, em diferentes partes do país, por profissionais que na diversidade e na adversidade acreditam no ser humano e na sua grandeza para enfrentar a necessidade latente de concretizar um campo de conhecimento.

**SISTEMATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO
MUSEAL: PLANEJAMENTO,
REGISTRO E AVALIAÇÃO DE
AÇÕES EDUCATIVAS MUSEAIS**

RELATO DE EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO MUSEAL E TENTATIVAS DE AVALIAÇÃO

Ruth Vaz Costa*

Agradeço muitíssimo aos colegas de profissão que me convidaram a participar desta Série. Apesar de ter mais de uma década de atuação em espaços educativos museais, tanto em exposições quanto em museus, confesso que o convite causou-me um certo espanto. Há muitos anos não me dedico a escrever para além das demandas do trabalho em setores educativos. Este foi um desafio que acolhi, apesar do acúmulo de tarefas, assim como acontece com muitos colegas que também não escrevem sobre suas práticas em seus locais de trabalho.

É importante dizer sempre que nossas práticas são nossos laboratórios, e nossos experimentos e reflexões voltados para a prática precisam achar um lugar de fixação e partilha. Que não podemos – nem devemos – restringir nossa atuação a um só aspecto, mas ampliá-la. Elaborar mais em e para sua complexidade. Só dessa forma é que outros colegas de museus, e nós mesmos, poderemos perceber, e assim enriquecer e valorizar esse campo em que atuamos.

No início da minha atuação, ainda estagiária, era fácil pensar que o importante era o momento da visita e da interação com o público. Tive a sorte de entrar nesse universo com princípios que estimularam o diálogo e o respeito ao visitante e seu conhecimento, o que me dava a sensação de uma “liberdade” maior do que a experimentada pelo docente em sala de aula (o que hoje entendo dizer mais respeito a um tipo de princípio educador, mais do que ao lugar a partir do qual a pessoa se propõe a educar).

Descobri-me educadora museal e o prazer de estar com os visitantes é algo que não mudou ao longo dos anos. No entanto, de forma inversamente proporcional, a experiência ressaltou a repetitividade de certas ações e discursos e a descontinuidade no planejamento, gerando um incômodo

* Tecnóloga em Artes Visuais pelo IFCE. Atua em setores educativos desde 2007, tendo coordenado o Setor Educativo do Sobrado Dr. José Lourenço em 2010. Atualmente Técnica em Assuntos Educacionais dos Museus Ibram em Goiás (Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa).

crescente que tomou minha reflexão educativa: Como posso saber se minha atuação é realmente relevante? Como quebrar o ciclo do “disco arranhado” que nunca avança, sempre parado no mesmo trecho da música? Ainda que eu mudasse de museus e espaços expositivos, a experiência voltava ao mesmo ponto: introdutória, sem continuidade e, infelizmente, maçante (no caso, para o profissional educador museal). Não com o público de forma individual, mas com aquele conteúdo, dinâmica, repertório de aprendizagem que, em algum momento, deveria se aprofundar.

A formação que temos até chegar à educação museal interfere diretamente na forma como entendemos todo o processo da educação museal. Eu venho de uma graduação superior de tecnóloga em Artes (criada em um período de transição do Cefet-CE para IFCE) e que à época foi construída com uma forte ênfase nas técnicas da arte (desenho, pintura, design, fotografia, computação gráfica e gravura). Apesar de na grade constarem disciplinas voltadas à formação e pesquisa dentro dos critérios do conhecimento científico, não havia disciplinas que explorassem o ensino em qualquer nível ou conteúdo voltado específica e formalmente para educação¹.

Durante essa formação, foi muito difícil entender a relação artista-obra-observador e o papel dos museus em meio a isso, pois, em muitos momentos, entendia-se com incômodo ou indiferença a possibilidade de que a interpretação da obra por parte do observador fosse divergente ou mesmo oposta ao que o artista/autor se propunha na obra. Era como se o problema fosse desse “olho que não vê”, ainda que vendo. Mas o olho via, ele só não interpretava os códigos da arte da mesma forma que uma pessoa que estudou os signos. Nesse sentido, a ideia da fruição seria superior à de educação (já que inclusive, o termo mais em voga era mediação, com grande influência de Ana Mae Barbosa), como se fruição estivesse para a educação como a liberdade de expressão está para a doutrinação.

A grande ilusão aqui era diminuir a relevância do processo educativo e necessariamente didático do qual necessitávamos, desconsiderando a realidade de pouco ou nenhum acesso da população brasileira aos museus como um todo.

O maior confronto dessa formação originária com a própria atuação como mediadora que experimentei foi no 59º Salão de Abril, quando compus uma equipe de mediadores que atuavam na exposição montada em um terminal de ônibus de Fortaleza. Éramos nós e as obras de arte contemporânea

convivendo com um fluxo de pessoas completamente fora do que se espera nos tais cubos brancos: motoristas de ônibus, vendedores ambulantes, grupos de estudantes fora de horário escolar, crianças e adultos em situação de rua e uma atendente de lanchonete... Todos eles tão distantes dos museus de arte e estes segregados de todo suor, fluidos e interferência humana dos quais os espaços públicos estão encharcados.

Todos querem enaltecer a beleza das fotografias de Sebastião Salgado que registraram para a eternidade a Serra Pelada ou o êxodo humano na Terra, mas quem está disposto a dividir o mesmo chão, o mesmo ar e a mesma água com aquelas pessoas retratadas? E, mais ainda: Quem está disposto a dialogar com elas?

Trabalhar na exposição do terminal do Papicu, do 59º Salão de Abril, com obras tão distintas umas das outras, nesse ambiente completamente fora da segurança saneada das salas de uma galeria/museu de arte, gerou para todos nós o desafio de falar sobre arte fora de um espaço que a sacralizasse enquanto tal. Nós tínhamos que achar uma forma de conversar com aquelas pessoas sem discursos atravessados, de forma objetiva, já que estávamos no meio de algum trajeto que ela fazia (teria 15 minutos até o próximo ônibus? Estava encerrando o turno com o ônibus? Estava ganhando tempo para achar um lugar em cima dos quiosques do terminal para dormir antes que o guarda visse?), ou no meio de uma realidade que nos impunha agir, fosse em prol do enriquecimento de uma reação espontânea à exposição (como no momento em que a comunidade do próprio terminal começou a interferir em uma obra de fotografias), fosse em prol da vida daqueles com quem comungávamos o espaço e os relatos de vida (como no dia em que eu e uma colega rodamos a cidade procurando um hospital que acolhesse uma criança em situação de rua que tinha sofrido agressão física de guardas do terminal e precisava de atendimento médico).

A experiência no Instituto Brasileiro de Museus

Trabalho nos museus do Ibram de Goiás (Museus das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa), desde 2016. Antes disso, nos anos 2014 e 2015, fiz parte da equipe da Coordenação de Produção e Análise da Informação (CPAI), integrante da Coordenação Geral de Sistemas de Informação Museal (CGSIM), que tem sido a coordenação

responsável pela coleta de dados relativos não só aos museus integrantes do Instituto Brasileiro de Museus, mas também de todos os museus do Brasil, através de ferramentas como o Cadastro Nacional de Museus e o Formulário de Visitação Anual, para citar alguns.

Esse curto período na CPAI possibilitou-me acesso não só aos estudos e pesquisas voltados para museus, mas também permitiram-me perceber a importância dos dados coletados pelos meus colegas ao longo do período de existência do IBRAM e que ainda são extremamente relevantes para o campo, não só pela dimensão quase continental do território em que os dados foram coletados, mas também para impulsionar outras pesquisas voltadas para museus em todo o país. Enquanto servidora do Instituto Brasileiro de Museus, a oportunidade de ter passado um período na sua sede antes de retornar para os museus, convivido com tantos colegas, para posteriormente atuar em um museu, permitiu-me ter outra visão do órgão e de minha atuação dentro dos museus: mais transversal, mais inserida e mais ativa do que até então eu tinha sido.

Então, se minha experiência anterior ao trabalho no Ibram gerou em mim um princípio ético na relação com o visitante (e o não visitante), o início da minha carreira no Instituto forneceu-me um melhor entendimento da ferramenta e de suas possibilidades de uso. A partir desse momento, direciono este relato às minhas experiências, não necessariamente ligadas à pesquisa de ações educativas, mas que, em conjunto, geraram um interesse e um reconhecimento da importância dessa ferramenta para nosso trabalho nos museus.

Os Museus Ibram em Goiás: Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa

Como disse anteriormente, cheguei aos Museus Ibram de Goiás em 2016. Nosso local de trabalho fica no Museu das Bandeiras, antiga Casa de Câmara e Cadeia, construída por volta de 1766, na cidade de Goiás (ex-capital do Estado de Goiás). Na mesma cidade há o Museu de Arte Sacra da Boa Morte, sediado na Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, construída por volta de 1779. Por último, em Pilar de Goiás, distante 220km de Goiás, temos o Museu Casa da Princesa, também do século XVIII.

Infelizmente, meus primeiros anos nos museus foram bastante conturbados, especialmente devido a perdas orçamentárias abruptas, a consequente perda de equipe (especialmente recepção) e a dificuldade em conciliar demandas de três museus com uma equipe de servidores consideravelmente reduzida. Essa situação só se regularizou (ainda que precariamente) cerca de 2 anos depois.

Em meados de 2018 passamos pela mudança na direção dos museus, que estabeleceu o levantamento de alguns dados sobre os museus e seus visitantes.

As três edificações têm histórias de usos, de constituição de seus acervos e missões bastante distintas. Temos uma só equipe que administra e desenvolve as atividades para um museu histórico, um museu de arte sacra e um museu casa. Além disso, a relação da comunidade das duas cidades para com os museus é igualmente diversa. Se, em cidade de Goiás, os moradores são os maiores frequentadores do museu, tendo em vista que é o único espaço cultural visitável da cidade, já não se pode dizer o mesmo com relação àqueles localizados em Goiás.

Ao longo das primeiras atividades e eventos, percebi que era baixa a interação da cidade com os museus. Ainda que tivéssemos uma história longa de relação com a comunidade, já que o Museu das Bandeiras tem mais de 70 anos de criação, ela ainda não se refletia na visita, na Semana de Museus ou na Primavera de Museus. O Museu Casa da Princesa estava fechado, com o acervo disposto em outro prédio histórico da cidade, mas eu fui lá poucas vezes e sempre com outros objetivos, bem diversos da vontade de explorar os potenciais educativos do museu. Já o Museu de Arte Sacra da Boa Morte, por questões da relação com representantes da Diocese de Goiás, sofria com uma intensa barreira para nossa atuação mais direta em seu interior.

As suspeitas que vêm da observação

Minha primeira grande suspeita foi em relação ao perfil do visitante dos Museus da Cidade de Goiás. Olhando rapidamente o livro de assinaturas e observando a planilha de agendamento dos museus, a grande maioria dos visitantes aparentava não ser da cidade, ou mesmo da região, o que

causou-me bastante estranhamento, tendo em vista que a Cidade de Goiás tornou-se Patrimônio da Humanidade em 2002, com o tombamento do centro histórico pelo IPHAN em 1978.

Minha segunda suspeita foi a possibilidade de os moradores da cidade terem uma visão negativa em relação aos museus. Com o tempo, a partir de relatos e de textos sobre o processo de tombamento da cidade, percebi que não só as histórias relacionadas aos prédios (já que no prédio do Museu das Bandeiras foram mantidas pessoas encarceradas até poucos meses antes de sua abertura enquanto museu), mas também o processo de tombamento, influenciam negativamente a relação da comunidade com o museu até os dias de hoje.

A terceira suspeita veio na medida em que realizamos atividades culturais e lúdicas. As pessoas compareciam às apresentações de bandas, aberturas de exposições, seminários, mas não estavam no museu nem antes nem nos dias subsequentes. No caso do Museu das Bandeiras, muitos apreciavam o pátio interno e o gramado externo, mas sem uma pessoa para acompanhar a visita, notava-se um interesse menor para a exposição e o espaço interno, com exceção das janelas que têm vista para o Largo do Chafariz.

Apesar de as suspeitas serem claras, o próximo passo seria desenvolver perguntas explícitas e que dessem liberdade para que as respostas fossem o mais verossímeis às impressões e opiniões dos respondentes. Para desenvolver uma investigação que dê respostas o mais aproximadas possível da realidade, ao invés de direcionarem as respostas para a comprovação de suas suspeitas, é necessário observar se a formulação das perguntas permite algum nível de amplitude nas respostas. Seguindo este raciocínio, cheguei às seguintes perguntas:

- Quem visita os nossos museus da Cidade de Goiás?
- Qual a impressão dos visitantes em relação às atuais exposições?
- Que atividades poderiam potencializar a aproximação museu-público?

Fichas, pessoas e Google docs, as impressionantes estruturas do perguntar

Inicialmente não foi feito nenhum questionário sobre a visitação aos museus, mas um levantamento de dados a partir do livro de assinaturas e do aperfeiçoamento da contagem de público utilizando-se do caderno de agendamento de grupos escolares e turísticos.

Com os dados coletados, tabulados e convertidos em gráficos, foi possível confirmar que a visitação dos museus localizados na cidade de Goiás (Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu das Bandeiras) tem um perfil mais externo do que do próprio município. Então, para responder a pergunta da minha primeira suspeita (Quem visita?), examinar a documentação que já tínhamos era suficiente para um diagnóstico da nossa visitação recente. Nenhuma ferramenta nova precisou ser criada, somente observar as que já estavam à nossa disposição e sendo utilizadas cotidianamente.

Nesse ponto, apropriar-se de ferramentas preexistentes para desenvolver um levantamento desse tipo pode ser mais eficiente do que tentar fazer uma nova ferramenta de coleta de dados. A disponibilidade de tempo e de equipe tem que ser levada em consideração para o planejamento de qualquer ação, especialmente se a equipe for reduzida e houver sobrecarga.

No entanto, para a segunda (Qual a impressão dos visitantes?), e para a terceira pergunta (Quais atividades te fariam voltar?), eu teria que formular algum questionário. Esse questionário, eu sabia pela experiência de desenvolver as perguntas com os colegas da CPAI, deveria obedecer a alguns princípios:

- Ter escrita simples e objetiva
- Permitir rápido preenchimento
- Ser de fácil visualização e ter um desenho atrativo.

A escolha foi desenvolver três formulários que considerassem aspectos gerais e específicos de cada museu, respeitando suas particularidades de tipologia, atuação e acervo, mas também a realidade de todos serem geridos por uma única equipe. Isso porque quaisquer resultados que viessem da pesquisa implicariam em alguma mudança ou inserção de atividades que influenciariam diretamente no fluxo de trabalho de todos os colaboradores.

MUSEU DE ARTE SACRA DA BOA MORTE PESQUISA

**POTENCIAL
DE ATIVIDADES
LÚDICO
CULTURAIS**

*Autodeclaração opcional: marque mais de um item se desejar

<p style="text-align: center;">QUEM É VOCÊ</p> <p style="text-align: center;">PERFIL DO VISITANTE</p> <p>Idade: _____</p> <p>Escolaridade: _____</p> <p>Eu Sou*: () mulher () homem () cis () trans () branco () pardo () preto () indígena () amarelo</p> <p>Primeira visita ? () Sim () Não</p>	<p style="text-align: center;">O MASBM COMO VOCÊ VÊ</p> <p>É mais uma igreja. Faz parte de visitar Goiás ()</p> <p>O acervo é bonito, gosto de vir aqui pela vista ()</p> <p>Acho muito religioso ()</p> <p>Gosto das atividades que acontecem aqui ()</p> <p>Gosto de tudo, venho sempre que posso ()</p>	
<p style="text-align: center;">JOGOS</p> <p>() Jogos virtuais () Jogos de tabuleiro () Campeonatos () Gincanas infantis () Brincadeiras ao ar livre [a ser realizadas no Coreto] () Jogos de interação com o espaço do museu</p>	<p>DIVERSÃO DOS SONHOS Marque as atividades que fariam você vir aqui</p> <p style="text-align: center;">ARTES PLÁSTICAS</p> <p>() Oficinas de desenho () Oficinas de pintura () Oficinas de culinária () Oficinas de cerâmica () Oficinas de fotografia () Oficinas de escultura () Artesanato e design () Exposições</p>	<p style="text-align: center;">MÚSICA</p> <p>() Apresentações de bandas locais () Música clássica () Oficinas de instrumentos musicais (confeção de instrumentos, aulas para tocar) () Música sacra** () Música popular (ex: violeiros)</p> <p style="text-align: right; font-size: small;">** De qualquer religião. Caso queira especificar qual, anote ao final deste questionário</p>
<p style="text-align: center;">OUTRAS ATIVIDADES</p> <p>() Feiras () Oficinas e/ou apresentações de dança () Férias no Museu () Oficinas de artesanato () Apresentações circenses () Oficinas lúdicas (circo, malabarismo, confecção de brinquedos etc.) () Capacitações em economia criativa/ terceiro setor</p>	<p style="text-align: center;">FALTOU ALGO? ANOTA AQUI</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	

O objetivo dessa pesquisa é saber quais atividades culturais e lúdicas interessam a você. Dessa forma, podemos planejar nossas ações a fim de garantir o melhor aproveitamento do nosso museu. Agradecemos a sua colaboração!

Figura 1. Questionário de pesquisa de potencial de atividades lúdico culturais do Museu de Arte Sacra da Boa Morte.

MUSEU DE ARTE SACRA DA BOA MORTE PESQUISA

AValiação:
visitação
EXPOSIÇÃO
funcionamento

*Autodeclaração opcional; marque mais de um item se desejar

<p>QUEM É VOCÊ</p> <p>PERFIL DO VISITANTE</p> <p>Idade: _____</p> <p>Escolaridade: _____</p> <p>Eu Sou*: () mulher () homem () cis () trans () branco () pardo () preto () indígena () amarelo</p> <p>Primeira visita ? () Sim () Não</p>	<p>O MASBM</p> <p>COMO VOCÊ AVALIA</p> <p>Dê uma nota, se: 1- discordo muito 2- discordo 3- indiferente 4- concordo 5- concordo muito</p> <p>Eu me sinto seguro dentro do prédio ()</p> <p>O prédio é bem cuidado ()</p> <p>Eu sou bem recebido pela equipe ()</p> <p>Fico satisfeito com a exposição ()</p> <p>Eu recomendaria o museu a outras pessoas ()</p>	
<p>GOSTARIA QUE MELHORASSE</p> <p>() as legendas das peças () a forma como sou recebido () a disposição das peças () a iluminação das salas () o acesso às salas e dependências do museu () as peças expostas () a forma como se guarda meus objetos pessoais</p>	<p>MUSEU DOS SONHOS</p> <p>Opine sobre como o Masbm pode melhorar</p> <p>funcionamento</p> <p>Quais seriam os melhores dias para você visitar o museu? Escolha até 6 dias da semana:</p> <p>() segunda () sexta () terça () sábado () quarta () domingo () quinta () feriado</p>	<p>HORÁRIOS</p> <p>E qual seria o melhor horário para você visitar o museu?</p> <p>() de 8h às 17h () de 9h às 18h () de 10h às 19h</p> <p>Se fosse possível...</p> <p>() gostaria que houvesse programação noturna, mas sem alterar o funcionamento de dia () gostaria que houvesse programação noturna, mesmo que alterasse o funcionamento de durante o dia () eu não viria para o museu à noite</p>
<p>OUTRAS SUGESTÕES</p> <p>() Flexibilizar a abertura do museu para dias e horários em situações excepcionais () Gostaria de andar sozinho pelo museu () Gostaria de ter um profissional apresentando a exposição sala-a-sala. () Não gosto de ver os seguranças armados () Seguranças armados são mais seguros () Banheiro e copa são satisfatórios () Banheiro e copa poderiam ser reformados</p>	<p>FALTOU ALGO? ANOTA AQUI</p> <p>----- ----- ----- ----- -----</p>	

Queremos, com essa pesquisa, avaliar quesitos do nosso atendimento, tais como: recepção, exposição, segurança, dependências, dias e horários de funcionamento. Sua resposta será útil para melhorarmos nosso museu. Contribua!

Figura 2. Questionário de pesquisa sobre Avaliação de visitação, exposição e funcionamento do Museu de Arte Sacra da Boa Morte.

Este foi o questionário voltado para o Museu de Arte Sacra da Boa Morte. Alguns dos quadros incluem questionamentos sobre horário de funcionamento, por exemplo. Esta foi uma discussão interna que tentamos levar ao público visitante como uma consulta, considerando que a abertura em outros horários poderia proporcionar tempo de visita para quem trabalhasse durante o horário comercial, por exemplo. Levamos em consideração oferecer o questionário a pessoas que estivessem no museu por causa de um evento ou outra atividade extra, para além da visita (como mencionado anteriormente, o público de atividades específicas).

Como se pode observar, essa avaliação não estava voltada diretamente ao Educativo, mas poderia potencializar suas ações, no sentido de criar momentos (oficinas, férias no museu) que seriam desenvolvidos nesse sentido. Infelizmente, devido à pandemia, o material ficou guardado no museu e ainda não foi feita análise de seus resultados.

Avaliação das Ações Virtuais no Facebook

A outra ponta da minha atuação nos Museus Ibram, em Goiás, tem sido a alimentação de nossa página no Facebook. Existe sim um problema na relação entre educação e comunicação, não nego. Muitos profissionais de museus, inclusive gestores, não percebem que há uma distinção considerável na atuação de cada área. E por mais que o educador *comunique* ideias, acervos e conteúdos próprios do museu, ele o faz *para e dentro* de um processo educativo, com objetivos e métodos que vão muito além da proposta de passar informação.

Apesar disso, durante o período de atuação no museu, percebi que o ambiente das redes sociais, por suas possibilidades de relação com mais pessoas e outros públicos, permitiria um espaço de experimentação, em que a comunicação com o público poderia dar-setambém no sentido de ampliar informações que, em alguns momentos, passam despercebidas ao visitante, seja devido ao tempo da visita ou mesmo a dificuldade momentânea de acessar salas e ambientes específicos dos museus.

Afinal de contas, para quem estamos nos comunicando? Quando falamos que mais de 80% da população brasileira não visita museus, que nível de processo educativo permitiria que ela, ainda que à distância, e dentro de suas possibilidades de atenção e aprofundamento na dinâmica das redes sociais, viesse a se interessar pelos conteúdos dos museus? Há três anos,

55% dos brasileiros achavam que a internet se reduzia ao Facebook. Se elas buscam informação dentro dessa plataforma, quais possibilidades surgiriam quando o setor educativo de um museu se aproveitasse desse espaço?

Estes são questionamentos que se aprofundaram especialmente neste ano, devido à pandemia de Covid-19 e aos protocolos de saúde. Muitos setores educativos, como estratégia de dar continuidade às suas atividades presenciais², procuraram diversas formas de interagir e manter suas atividades à distância através das redes sociais. Para nós não foi diferente. No entanto, talvez pela mistura de atividades que realizo dentro do museu, somada à falta de uma reflexão aprofundada sobre o papel do setor educativo dentro da realidade desses museus, sinto uma certa dificuldade em diferenciar categoricamente qual dessas ações é educativa e qual não é.

Desde a segunda metade de março, iniciamos ações virtuais dos museus, tanto na nossa página no facebook quanto no Tainacan e no site institucional. Em julho, desenvolvi uma avaliação para as ações virtuais, em formato de formulário online. No quadro abaixo, o resultado de um item da avaliação das ações realizadas no período:

Quadro I. Avaliação das ações virtuais realizadas entre março e julho de 2020

AÇÕES VIRTUAIS	Excelente! Quero ver outros	Gostei razoavelmente	Poderia ser melhor	Ruim, acho que não funcionou
Vídeo Casa de Câmara e Cadeia a Museu	58%	7%	0	0
Série Acervos	46%	7%	0	0zxc
Maria-Faceira	38%	7%	0	0
Campanha de acesso aos acervos on-line	46%	4%	4%	0
Programa de Formação do Museu das Bandeiras	46%	4%	0	0
Projeto “Eu sou Memória”	58%	7%	0	0
Exposição “O pecúlio como forma de conquista”	54%	7%	0	0

Exposição “Cotidiano dos museus em tempos de pandemia”	38%	4%	4%	0
Exposição “Covid-19: o impacto do isolamento social em Vila Boa de Goyaz	50%	7%	7%	0
Jogo da Memória Museu das Bandeiras	46%	4%	0	0
Quiz Museu das Bandeiras	42%	7%	0	0
#pessoasessenciaisdosmuseus	73%	0	0	0

O objetivo era o público avaliar as ações virtuais do período (março-julho), identificando aquelas com melhor desempenho³ e, dessa forma, direcionar a energia do nosso trabalho para dois pontos: quais ações poderiam ser replicadas e quais eram boas, mas poderiam ser melhoradas. Nesse caso, a escolha pela ferramenta de questionário online teve baixíssima adesão, o que me leva a pensar se a campanha de divulgação e comunicação da pesquisa não foi eficiente. Somo a isso, também, a intensificação de pesquisas online que tem ocorrido neste período, de forma generalizada, e que pode ter dificultado o interesse do público virtual em realizar mais essa avaliação. Por outro lado, ao contrastar esse resultado com os gráficos apresentados pelo Facebook, pude perceber alguma compatibilidade dos resultados, o que não inviabiliza o uso desses resultados para ações futuras.

Apontamentos finais

A intenção deste relato de experiência era apresentar o conjunto de fatores desse percurso como educadora museal que me levam até a avaliação de ações educativas museais. Na medida em que fui desenvolvendo este texto, no entanto, percebi que há muitos vãos no meu fazer educativo, apontando para a necessidade de todo o conjunto de elementos anteriores, dentre eles o planejamento das próprias ações, com objetivos claros que possam ser avaliados a médio e longo prazos.

Nesse sentido, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a construção do Caderno da Política Nacional de Educação Museal, e ao

Núcleo de Educação do Museu Histórico Nacional, não só pela formação contínua da qual tive o prazer de participar, mas também pelas trocas proporcionadas pela presença de tantos educadores museais, com suas diversas origens e experiências. Muito do que escrevo aqui também vem desses momentos compartilhados.

Meu anseio, ao falar de avaliação de ações educativas museais, era chegar a um nível de fazer as seguintes perguntas: Como medir o quanto nossos setores educativos são capazes de impregnar-se da presença humana dentro dos museus? O quanto isso reflete na nossa capacidade de dialogar com esse outro humano em sua complexidade que vai (e deve), sim, deixar as marcas de sua presença em nós e nos lugares em que atuamos?

Espero que esta reflexão encontre outros colegas que se identifiquem na mesma situação, por vezes sobrecarregados, tentando achar o caminho para desenvolver um trabalho ainda mais consistente e de maior retorno para a sua comunidade. Vocês não estão sozinhos.

Notas

- 1 O curso tornou-se licenciatura antes mesmo de eu me formar, mas eu, pelas minhas escolhas, segui a vida profissional com o diploma que já tinha em mãos. Outros colegas de curso seguiram para a licenciatura e são professores de arte e arte educadores atualmente. Alguns poucos seguiram carreira na educação museal, apesar de muitos terem sido educadores em museus de Fortaleza.
- 2 Mas também como forma de manter as equipes trabalhando e preservá-las do processo de demissão de educadores que ocorreu em vários museus em todo o Brasil.
- 3 Apesar de o Facebook fornecer dados de alcance e interação, pareceu interessante ter um material com dados mais específicos. Além disso, as outras plataformas não ofereciam as mesmas coletas de dados, então a solução foi fazer um questionário a parte que unificasse as informações.

A IMPLANTAÇÃO DO NÚCLEO EDUCATIVO DO MAUC: POLÍTICAS PÚBLICAS, PLANEJAMENTO E EXPERIMENTAÇÃO

Graciele Karine Siqueira*

Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia

Saulo Moreno Rocha

Breve histórico do Museu de Arte da UFC e de sua atuação educativa

Desde a sua criação, em 1961, o Museu de Arte da UFC (Mauc), localizado em Fortaleza – Ceará, possui um forte vínculo com a educação. Por ser um museu universitário, sempre manteve uma relação próxima do universo da formação humana; por ser um museu de arte, o primeiro do Estado do Ceará, desde a sua fundação serviu de espaço para exposições, produção artística e incentivo à criatividade e à valorização da cultura cearense e regional, em diálogo com uma perspectiva nacional e internacional.

Os primeiros indícios de sua atividade educativa podem ser encontrados ainda no período de pré-criação do museu (1957-1961), ou seja, nas atividades expositivas e culturais realizadas e irradiadas a partir da Reitoria da UFC, sob orientação e incentivo do Reitor Antônio Martins Filho, criador da UFC e do Mauc. Em depoimento publicado em suas memórias, Martins Filho (1996, p. 97) afirma:

No exercício da Reitoria da Universidade do Ceará, passei a considerar a importância dos museus e sua alta significação na sedimentação da cultura de um povo. Compreendi, igualmente,

* Graciele Karine Siqueira - Museóloga formada pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Mestre em Museologia e Patrimônio pela UniRio em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Trabalha no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc/UFC), desde 2008, desempenhando a função de museóloga e responsável pela Divisão de Acervo. Desde 2018, ocupa a função de diretora do Mauc/UFC. E-mail: graciele@ufc.br

Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia - Especialização em Estratégia e Gestão Empresarial na Universidade Estadual do Ceará. Possui graduação em Administração pela Universidade Federal do Ceará (2013). Atualmente, é Administradora no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. E-mail: helem.ribeiro@ufc.br

Saulo Moreno Rocha - Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2016). Mestre em Museologia e Patrimônio - UNIRIO/MAST (2018). Museólogo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC, na função de Coordenador do Núcleo Educativo (NEMauc). E-mail: smr.museologo@ufc.br

que teria tido maior rendimento nas minhas esporádicas visitas aos museus da Europa, se estivesse mais familiarizado com o mundo maravilhoso das artes plásticas.

Assim, o Mauc foi criado sob a visão de ser um lugar de memória das Artes Cearenses, mas também com a missão de contribuir para a formação e a sensibilização do olhar da sociedade local para o universo artístico. No projeto capitaneado por Martins Filho, em sintonia com os diálogos por ele estabelecidos com artistas cearenses, como Antônio Bandeira, Heloísa Juacaba e Zenon Barreto, o Museu estava integrado a um projeto mais amplo de Universidade, no qual ciência e cultura andavam juntas em prol do desenvolvimento do Ceará e do Nordeste, aspecto consolidado sob o lema “O Universal pelo Regional”, cunhado por ele.

Dentre as suas finalidades, constam a promoção de exposições de artes, de cursos, conferências, palestras e debates, a preservação do patrimônio artístico do Ceará e o estímulo “por todos os meios ao seu alcance, do desenvolvimento das artes plásticas no Estado”¹. Os seus idealizadores e primeiros funcionários(as) estavam “convencido[s] de que um museu não é um órgão estático, custodiário apenas de obras de arte”, mas acreditavam que o seu papel primordial seria o de atuar como uma “força essencialmente dinamizadora da cultura artística”, preparando a população para “um contato vital, e não apenas periférico, com os problemas concernentes às artes plásticas” (MAUC, 1961, s.p).

Data dos primeiros anos do museu a atuação de “guias”, como eram identificados os profissionais responsáveis pela recepção dos públicos². Nos anos que se seguiram, o museu manteve e consagrou o modelo de “visitas guiadas”, além da oferta de cursos de arte. Em 1966, a instituição demonstra sua preocupação com o público infantil e a relação com as escolas com a realização do I Salão de Pintura Infantil, reunindo obras de 64 estudantes do ensino primário de Fortaleza. As mostras infantis voltaram a acontecer em 1971, 1973, 1975 e 1979³, reunindo grande número de estudantes, famílias, professoras(es) e público.

Em 1977, no âmbito da UFC, mas sem ligação direta com o museu, foi criada a Bolsa Trabalho Arte, iniciativa vinculada ao Departamento de Assuntos Culturais (DAC) do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e localmente gerenciada pelas Pró-Reitorias de Assuntos Estudantis e Extensão. O programa ofertou bolsas de incentivo à produção artística em diferentes linguagens e dele participou Pedro Eymar Barbosa Costa, à

época estudante de Arquitetura e Urbanismo da UFC e, posteriormente, professor no mesmo curso e diretor do Mauc de 1987 a 2018. Como veremos adiante, Costa foi um dos agentes importantíssimos na reativação da Bolsa Arte na década de 1990, momento em que o museu passou a exercer um novo papel educativo com forte presença estudantil.

No final da década de 1980, é criada a Oficina de Gravura e Papel Artesanal do Mauc⁴, reforçando o lugar da instituição no panorama da formação de novas(os) artistas, dando origem a uma nova geração de gravadores(as) em Fortaleza. A atuação educativa da Oficina foi marcada pela experimentação e pela presença de estudantes de diferentes origens, numa perspectiva extensionista que abria o museu também a novos públicos, especialmente interessados em formação em uma cidade sem cursos superiores em Artes Visuais.

Nos anos 1990, após um processo de diminuição do quadro funcional, a responsabilidade pela recepção de grupos no museu ficou a cargo, principalmente, do diretor da instituição. O Prof. Pedro Eymar, diretor do Mauc de 1987 a 2018, realizava a recepção e mediação com os visitantes, contando em algumas ocasiões com bolsistas de diferentes cursos e com servidores(as)⁵. Apesar de possuir dimensões educativas (PEREIRA, 2010, p. 19) desde a sua criação, conforme é possível verificar no breve retrospecto apresentado, o Mauc só institucionalizou a sua função educativa muito recentemente, em 2019. A ausência de um setor educativo formalizado se relaciona a diversos fatores, dentre os quais a equipe reduzida de servidores(as) e as oscilações nas políticas de incentivo e valorização dos museus e da educação, como veremos a seguir.

O papel das políticas públicas museais e do planejamento institucional

Desde meados da década de 1990, com o Plano Collor, o Mauc viu sua equipe funcional diminuir drasticamente. Consideramos que neste período o museu foi se “desprofissionalizando” e contando com uma participação massiva de bolsistas para realização de atividades administrativas e expositivas. Nesse contexto, marcado por inúmeras mudanças e oscilações nas políticas educacionais e culturais, foi recriado o Programa Bolsa-Arte⁶, em 1997, a partir de ação conjunta da direção do Mauc com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFC, fase que foi marcada pelos experimentos de criação coletiva (COSTA, s.d, p. 1).

Em 2004, após 12 anos sem profissional museólogo, é realizado concurso público para provimento deste cargo e, 2 anos depois, este profissional transfere-se para outro equipamento museológico dentro da estrutura da UFC. Em 2008, ocorre novo concurso para o cargo de museólogo para lotação no Mauc⁷ e, com a chegada da nova profissional, são implantadas novas diretrizes, como estudos de gestão e diagnósticos para a construção do Plano Museológico⁸, com vistas à compreensão dos processos técnicos instituídos e das práticas cotidianas da equipe, assim como para pensar um novo movimento e momento para a instituição⁹.

As novas ações que se desenvolveram desde então estiveram em sintonia com as políticas públicas museais que eram delineadas nos planos nacional e estadual. Desde 2003, com a Política Nacional de Museus (PNM), o campo museal brasileiro vinha recebendo atenção especial na pasta da Cultura, em movimentos que se desdobraram na criação do Ibram e a sanção do Estatuto de Museus (2009) e o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM) (2010). Com o aumento de recursos para o setor, também foram sendo efetivadas políticas de fomento, incentivo e de profissionalização. O Mauc buscou acompanhar tais tendências, elaborando o seu planejamento e pleiteando recursos para potencializar as suas ações. No plano interno, a construção de estratégias possibilita a ampliação da equipe¹⁰ e a realização de reformas, melhorias e modernizações na sua área administrativa e nos espaços expositivos.

Em 2018, o Mauc passa por uma mudança brusca, com o encerramento de uma longa gestão (1987-2018), cuja tônica era a preservação e salvaguarda dos acervos (arquivístico, bibliográfico e museológico) e a segurança institucional. No plano educativo, destacou-se pela inovação artística através dos programas Bolsa Arte e Iniciarte, responsáveis pela formação de número expressivo de novos(as) artistas. Com a aposentadoria do gestor e a indicação da museóloga para o cargo de diretora, proposta acolhida pelo Reitor à época, iniciou-se um processo de transição e de redesenho institucional, com foco no planejamento estratégico. Com formação em Museologia, ocupando um cargo técnico e com amplo conhecimento sobre as potencialidades e desafios do museu, a nova gestora iniciou um processo de revisão da missão, da visão e dos valores deste museu, a partir de um trabalho coletivo e participativo e em parceria com a Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC - CCSMI.

No contexto de descentralização das ações institucionais e contando com a sensibilização da gestão superior da UFC, no segundo semestre de 2018

foram alocadas no Mauc duas assistentes administrativas para colaborar com os trabalhos de comunicação e acessibilidade, sendo uma delas pessoa com deficiência visual. Este trabalho de redefinição das atribuições na instituição também suscitou a necessidade de implantar um projeto educativo que pudesse acolher as ações educativas de forma integrada com os objetivos do Mauc e da UFC. Entretanto, a realização desta ação implicava em uma série de recursos, dentre eles o mais significativo: as pessoas.

Apesar do curto tempo para sua elaboração, em virtude da janela de oportunidade em diálogo com a Reitoria, a direção e a administradora do museu elaboraram um projeto alinhado ao Plano Museológico e ao PDI para a implantação de um Núcleo Educativo a partir de março de 2019. O projeto educativo foi alinhado ao Eixo de Cultura Artística/Esporte em seu objetivo número 3.3: Ampliar atividades culturais nos campi de Fortaleza. A partir de um diagnóstico que destacou forças, fraquezas, ameaças e oportunidades, foi definido como objetivo geral do projeto “Implantar um serviço inovador de natureza educativa que contribua para o alcance da missão institucional do Mauc, situando-o como local de ensino-aprendizagem e atendendo aos mais variados públicos.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2018, p. 6).

A metodologia do projeto previa como ação primeira o desenvolvimento de uma pesquisa institucional para subsidiar a atuação dos bolsistas, não apenas em termos de conhecimento da história do museu, mas também para harmonizar outras ações com a atuação do Mauc. O plano de ação se subdividiu em dois eixos: **participação e formação**, em alinhamento aos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)¹¹. Os objetivos específicos estabelecidos foram:

Promover o acesso ao conhecimento da história do Mauc e de seu acervo; Promover a comunicação do acervo do museu por meio de atividades educativas diversificadas; Difundir o conhecimento da arte por meio de canais virtuais de comunicação; Estimular o público em geral a frequentar os espaços do museu; Contribuir com a formação de educadores, alunos e pesquisadores. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2018, p. 8-9)

O projeto previa parâmetros de avaliação a serem verificados após um ano de sua implantação¹². Por ocasião da apresentação deste projeto, foi autorizada a realização de um concurso para provimento do cargo de

museólogo e a concessão de cinco (5) bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Inovação - PIBI para implantação do Núcleo Educativo.

Com a chegada do novo museólogo e com o processo seletivo das bolsas, o programa entrou em vigor e foi ganhando seus contornos e definições a partir da programação institucional, do calendário de exposições temporárias e da atuação dos(as) educadoras(es). Apesar dos desafios para a continuidade das ações do projeto, consideramos que o museu vem desenvolvendo ações significativas por meio de seu Núcleo Educativo, o que tem contribuído não apenas para fortalecer o diálogo com o público, como também para a formação acadêmica dos alunos e alunas participantes. A seguir, abordaremos alguns aspectos da ação do NEMauc, com foco no seu primeiro ano de existência.

A implantação do Núcleo Educativo do Mauc (NEMauc): inspirações e experimentações

O Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC (NEMauc), implantado em março de 2019, é a instância pedagógica responsável pela realização das ações educativo-culturais da instituição. Atua por meio de ações coordenadas com vistas à recepção e ao acolhimento de diferentes públicos, realizando visitas mediadas, oficinas, workshops, formações em Arte e em Museologia, parcerias intra e interinstitucionais, dentre outras. Organiza suas ações em sintonia com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFC, o Plano Museológico do Mauc e o Projeto Educativo (a partir do qual foi criado). Além disso, busca sintonizar sua existência às políticas museológicas nacionais e aos marcos legais do campo museal, como o Estatuto de Museus e a Política Nacional de Educação Museal (PNEM).

A atuação do NEMauc efetiva-se a partir de programas e projetos, financiados por instâncias da Universidade Federal do Ceará, aos quais estão vinculados estudantes de diferentes cursos da instituição, que atuam como educadores e educadoras. Além disso, compreende o Programa de Voluntariado – criado com o objetivo de integrar ao museu estudantes da UFC, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – e o Programa de Estágio, em parceria com a disciplina Ação Educativa Patrimonial, do Curso de História (UECE).

O Núcleo Educativo recebeu como legado uma série de projetos e ações que já vinham sendo desenvolvidos, como as oficinas artísticas ministradas

pelo servidor Francisco Bandeira, da Oficina Mestre Noza, e a atuação de estagiários(as) da UECE. Com as transformações institucionais iniciadas em 2018, o museu crescentemente se abria a novas possibilidades de ocupação de seus espaços e para a amplificação de suas relações com a sociedade. A primeira atividade do NEMauc foi, portanto, assumir a mediação com grupos de visitantes, nas exposições temporárias e na de longa duração.

A primeira composição do núcleo contou com estudantes de História, Letras (Português/Italiano e Libras) e Pedagogia, a partir do projeto “Inovação e Ação Educativa no Museu de Arte da UFC”¹³, fomentado pela Bolsa PIBI¹⁴. Cada estudante trazia experiências diversas e uma rede de contatos que favoreceram novos projetos e ações. Além da realização de visitas mediadas, as(os) educadoras(es) foram incentivados na construção de projetos individuais e coletivos, nos quais teriam liberdade e autonomia para imaginar, propor e executar ações educativas no museu.

Ao longo do primeiro semestre, foram tecidas e aprimoradas as metodologias de mediação e também de estudo e pesquisa sobre a história do museu, de seu acervo e das potencialidades dos diálogos junto aos diferentes perfis de público. A construção do NEMauc foi se delineando a partir de uma intensa troca entre o Educativo, os públicos, as parceiras e parceiros, bem como com toda a Equipe do Museu. Destaca-se, nesse contexto, a preocupação, desde a fase de projeto, com a acessibilidade. Assim, pela primeira vez o Mauc contou com uma educadora surda, July Dionizio, do curso de Letras Libras, que realizou visitas mediadas na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e proporcionou novos olhares para o museu, trazendo à instituição não-públicos e contribuindo na consolidação de um museu mais plural e inclusivo.

Em julho de 2019 foi implementado o Programa **Férias no Mauc: museus para todos os públicos**, com o objetivo de oferecer à sociedade uma programação diversificada no período de férias escolares e acadêmicas. A primeira edição foi construída com projetos elaborados pelo Educativo e por meio de parcerias com pessoas que já desenvolviam colaborações com a instituição. Além disso, a Oficina Mestre Noza expandiu a sua oferta formativa, contribuindo com o evento. Durante um mês, foi possível pensar em outros modos de viver o museu, inspirados nas experiências anteriores da própria instituição que, desde antes de sua criação formal, serviu de espaço para a produção coletiva de arte. O Férias no Mauc foi uma ação revitalizadora do papel desta instituição tanto em termos de formação quanto de conhecimentos e vivências.

No segundo semestre, foi criado o **Grupo de Estudos em Educação Museal (GEEM/Mauc)**, devido à necessidade de espaços de formação para o Educativo. A partir da leitura de textos e debates, o grupo foi consolidando perspectivas teóricas e práticas, bem como serviu para aprofundar relações e diálogos com curadores(as), artistas e profissionais que passavam pela instituição com exposições temporárias. Foi uma iniciativa voltada à profissionalização e consolidação das matrizes educativas, incentivando novas pesquisas e atuações.

Como desdobramento da parceria com a disciplina Ação Educativa Patrimonial da UECE¹⁵, foi instituído o **Programa de Voluntariado**, a partir de demanda apresentada pelas estudantes que, após cumprir a carga horária de 30 a 50 horas de estágio, desejavam permanecer atuantes no museu. Assim, após tramitar pela direção e administração do Mauc, o programa foi instituído com o amparo jurídico da Universidade.

Além disso, cabe pontuar o papel do NEMauc na organização de distintos eventos e programações do museu. A partir de sua implantação, o setor passou a ser responsável por organizar a participação do Mauc na Semana Nacional de Museus e na Primavera dos Museus, em parceria com os demais setores. Assim, foram promovidas diversas ações, como a **Ocupação Cultural A Negritude no fio da palavra**¹⁶, o **Seminário Interinstitucional Por dentro e para além do museu: arte, educação e patrimônio**¹⁷ e, em sintonia com exposição comemorativa do centenário de nascimento do artista Nilo Firmeza (Estrigas), o **Seminário 100 Estrigas: Memória e Legado**. Destacam-se ainda diversas edições do projeto **Conversas Mauc**, com pesquisadores(as) de diferentes áreas e a participação nas duas edições do Corredor Cultural Benfica em 2019.

Com o objetivo de fortalecer as suas linhas de pesquisa, os seus projetos e valorizar a atuação de bolsistas, estagiários(as), voluntários(as) e servidores, foi realizada em dezembro de 2019 a **I Jornada de Práticas Educativas e Científicas do Mauc**. O evento, aberto ao público, se propunha a ser um espaço de compartilhamento dos conhecimentos e trabalhos produzidos durante o ano, contribuindo com a divulgação científico-cultural e o reconhecimento do trabalho desenvolvido. Além disso, foi preparatório para a apresentação de trabalhos nos Encontros Universitários, evento universitário anual no qual são divulgados os resultados dos diferentes projetos de ensino, pesquisa e extensão da UFC.

Considerações finais

A partir do breve panorama apresentado, é possível apontar a importância da institucionalização do Núcleo Educativo do Mauc para o fortalecimento do museu, de ampliação de suas relações com a sociedade e as contribuições que tem dado o setor ao cumprimento de sua missão social, através da diversidade de programas, projetos e ações em andamento. No curto espaço deste texto não foi possível aprofundar uma série de tópicos importantes, como os projetos específicos, as pesquisas em andamento, as inúmeras parcerias realizadas, inclusive em projetos inovadores de acessibilidade. Contudo, vale pontuar alguns números e informações que contribuem para aferir os impactos da ação educativa do NEMauc em seu primeiro ano.

Em 2019, o Mauc recebeu 211 grupos agendados, totalizando, entre visitas agendadas e espontâneas, 17.482 visitantes. Atuaram no Educativo como educadores(as): 5 estudantes do Programa PIBI, 3 do Programa de Bolsas de Iniciação Acadêmica (BIA/PRAE), 15 estagiários (História – UECE) e 26 voluntárias(os). Destacam-se ainda a apresentação de 16 trabalhos (modalidade comunicação oral), 16 resumos publicados, 1 pôster, 1 resumo expandido em anais de evento e 1 texto em catálogo. Atualmente, estão sendo escritos ou em fase de organização outras publicações, que contam com contribuições significativas de educadores(as) do museu.

Em janeiro de 2020, realizamos a 2ª Edição do Férias no Mauc, através de uma convocatória pública e com projetos desenvolvidos por bolsistas e colaboradores(as) voluntárias(os). Com a pandemia de Covid-19 e o fechamento do museu, as atividades migraram para o meio digital. O Educativo, assim como toda a instituição, precisou se reinventar e tem realizado uma série de ações online, às quais não teremos como aqui abordar. Entretanto, destacamos o quanto tem sido importantes as ações e o fortalecimento do NEMauc, possível por meio do engajamento de seus(as) educadoras(es) e uma ambiência institucional que valoriza a Educação Museal como eixo fundamental de novas possibilidades de ser e fazer museu.

Em todo o seu processo de institucionalização, o NEMauc vem se alimentando da multiplicidade de experiências desenvolvidas por seus integrantes, das parcerias intra e interinstitucionais e nas relações com os públicos. A sua vitalidade está ancorada, portanto, sobre um tripé: **pesquisa, formação e participação**. Tem contribuído para tanto as políticas públicas museais, como a PNEM, maior inspiradora de nossa atuação (IBRAM, 2018), bem como os diálogos que tem possibilitado novas formas de pensar, fazer e viver arte, museu e patrimônio.

Notas

- 1 Cf. Resolução nº 104 de 18 de julho de 1961 (documento oficial de criação do museu).
- 2 A primeira pessoa a atuar neste posto foi Rita Araújo, esposa do artista e professor da UFC Nearco Araújo. Posteriormente, assumiu o cargo Henrique Barroso que, após concluir o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional em 1966, retorna à Fortaleza e se torna o primeiro museólogo do Mauc, permanecendo na instituição até 1991, quando se aposenta.
- 3 A primeira edição foi nomeada de Salão de Pintura Infantil no Mauc. A partir da segunda edição, foi renomeada para Salão Infantil de Artes Plásticas. Em outubro de 2018, a partir de oficinas artísticas realizadas na participação do Mauc no Corredor Cultural Benfica e do mês das crianças, tais iniciativas foram revisitadas, com a promoção das exposições “Fazendo arte na escola” (promovida pela Escola e Creche Sementinha) e “Um olhar das crianças sobre o Mauc” (com curadoria de Auricélia França, técnica em arquivos do Mauc).
- 4 A Oficina foi criada a partir de parceria com a Secretaria de Cultura do Ceará (Secult-CE), com a coordenação do professor e artista Eduardo Eloy. Em 2013, após reforma, ampliação e alocação de um servidor para o setor, foi batizada de Oficina Mestre Noza, em homenagem ao gravador popular pernambucano radicado em Juazeiro.
- 5 Cabe destacar a atuação do servidor Pedro Humberto Silva, fotógrafo e professor de Ensino Básico e Tecnológico. Ao chegar ao Mauc, removido da Casa Amarela Eusélio de Oliveira (equipamento cultural da universidade, referência em audiovisual), ele assume a responsabilidade de fotografar todo o acervo museológico, as exposições e eventos realizados, os grupos de visitantes e as efemérides cotidianas. Investe tempo no estudo e qualificação, especializando-se na área de Arte-Educação e na área de programação de computadores e passa a contribuir na manutenção do site institucional com a inserção de fotos do acervo separado por coleções específicas e registro das visitas e eventos. Entre 2000 e 2015, Silva dividiu com o diretor a tarefa de recepcionar o grupo de visitantes, se ocupando principalmente com o público infanto-juvenil, enquanto o prof. Pedro Eymar recebia grupos adultos. Entre 2008 e 2018, nas ausências dos dois, os grupos eram recebidos pela museóloga.
- 6 O programa anterior, de 1977, havia sido extinto em 1981, gerando um vácuo nas ações institucionais universitárias de incentivo à cultura artística.
- 7 Neste momento, a equipe era restrita e se resumia à Direção, à Secretária administrativa, ao Fotógrafo (professor de Ensino Básico e Tecnológico - desviado de função) e ao contínuo, assim como dois terceirizados para serviços de portaria e zeladoria na área interna e 4 vigilantes na área externa, em escala de revezamento de turnos de 12 horas.
- 8 Desde 2006, com a Portaria nº 1, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) havia firmado a obrigatoriedade dos museus federais a ele vinculados elaborarem e executarem os seus “planos museológicos”. No mesmo documento, Plano Museológico (PM) é definido como “ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da missão da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento”. No contexto de construção de políticas públicas para o campo museal, o PM foi consolidado como ferramenta de gestão para todos os museus do país quando da criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e da publicação da Lei 11.904 (Estatuto de Museus), ambos em 2009.
- 9 O primeiro Plano Museológico do Mauc foi consolidado em 2009, com previsão de atualização bianual.
- 10 Em 2015, recebe a primeira leva de um corpo funcional interdisciplinar que incluía bibliotecária, técnica em arquivo e produtora cultural. Em 2016, incorpora-se à equipe uma administradora e uma arquivista. O movimento de ampliação da equipe tem sido crescente, sempre pautado no crescimento das demandas e no planejamento estratégico. Em 2018, duas assistentes em administração foram incorporadas; em 2019, um museólogo e, em 2020, um contramestre em artes gráficas e mais um assistente em administração.
- 11 A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) constitui um marco nas políticas públicas de museus e foi instituída por meio da Portaria nº 422, de 3/11/2017, após longo processo de

discussão, participação e construção coletiva. Conforme o documento, a PNEM é “um conjunto de princípios e diretrizes que o tem o objetivo de nortear a realização das práticas educacionais em instituições museológicas, fortalecer a dimensão educativa em todos os setores do museu e subsidiar a atuação dos educadores.”.

- 12 É importante ressaltar que este trabalho ainda está em curso. Devido aos protocolos de segurança para contenção da pandemia de Covid-19, o Mauc precisou reestruturar sua atuação, o que implicou em uma série de novas ações e que fez com que fosse preciso priorizar outras demandas. No entanto, a instituição pretende elaborar relatório com a avaliação do primeiro ano de atuação do Núcleo Educativo.
- 13 Estudantes que participaram da implantação do Núcleo Educativo do Mauc: Carla Bianca Amarante Correia (História), Igor Eduardo de Lima Moreira (Pedagogia), July Araújo Dionizio (Letras Libras) e Thaís Cândido Vieira (Letras Português/Italiano). Por um curto período, a bolsista Maria Victória Soares Pereira (História) participou do Núcleo, mas foi redirecionada para o desenvolvimento de pesquisas institucionais, devido a demandas internas.
- 14 O Programa Institucional de Bolsas de Inovação (PIBI) é ligado à Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (PROPLAD). Em 2020, passou a ser gerenciado em parceria com a Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional (PROINTER).
- 16 A parceria para estágios da disciplina Ação Educativa Patrimonial, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Berenice Abreu, do curso de Licenciatura em História, foi firmada em 2018. A primeira turma de estagiários atuou no museu antes da institucionalização do Núcleo Educativo, com visitas mediadas e participação em oficinas, como no Corredor Cultural Benfica, evento cultural realizado na UFC.
- 16 O evento aconteceu na 17ª Semana Nacional de Museus através de parceria do Mauc com o Grupo de Estudos Discurso, Identidades, Raça e Gênero – GDIRG/UECE, Grupo de Pesquisa Literatura e as metodologias para a formação de leitores – LIMEFLE/UECE, Grupo de Pesquisa Ludicidade, discursos e identidades nas práticas educativas – LUDICE/UFC e o Núcleo de Africanidades Cearenses – NACE/UFC.
- 17 Realizado na 13ª Primavera dos Museus, em parceria com o Museu da Fotografia Fortaleza (MFF) e com o apoio do Laboratório de Arte Contemporânea (LAC) e do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA), ambos da UFC.

Referências

COSTA, Pedro Eymar Barbosa. **Programa Bolsa Arte**. Sem data. Não publicado.

COSTA, Pedro Eymar Barbosa. **Informações acerca da criação do MAUC e da constituição de seu acervo**. Fortaleza: Museu de Arte da UFC, 2009 (não publicado).

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: IBRAM, 2018.

MARTINS FILHO, Antônio. **História Abreviada da UFC**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Coleção Alagadiço Novo, 1996.

MUSEU DE ARTE DA UFC. **R. Cela**: Gravura e desenho. Fortaleza: Mauc, 1961.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Entre Dimensões e funções educativas:** A trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional. 180 p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

SIQUEIRA, Graciele Karine; CORREIA, Helem Cristina Ribeiro de Oliveira; COSTA, Pedro Eymar Barbosa. Um Museu Universitário de Arte no Ceará - história, coleções e atuação. Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC. **Revista TOM. Cultura, Arte e reflexão.** v. 5, n. 9, p. 153-163, 2019. Disponível em: https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_9_museus_e_cole__es_final Acesso em: 2 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. **Projeto Educativo**, 2018.

Indicações para pesquisa

Livros, catálogos e cadernos

CARVALHO, Gilmar de. (Org.). **Antônio Bandeira:** e a poética das cores. Fortaleza: Edições UFC, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47548> Acesso em: 10 out. 2020.

GALVÃO, Roberto. **Chico da Silva e a Escola do Pirambu.** 101 p. (Monografia) – Curso de Especialização em Arte-Educação na Universidade Federal da Paraíba. Fortaleza: Secretária de Cultura e Desporto, 1985. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FOuNIESHG722uAkqPToGt2kjFUhugjNH/view>.

MUSEU DE ARTE DA UFC. **Caderno de Resumos e Programação:** Seminário Interinstitucional Por dentro e para além dos museus: arte, educação e patrimônio. Fortaleza: Museu de Arte da UFC, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50974> Acesso em 10 out. 2020.

MUSEU DE ARTE DA UFC. **Caderno de Resumos e Programação:** 1ª Jornada de Práticas Educativas e Científicas do Museu de Arte da UFC. Fortaleza: Museu de Arte da UFC, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50965> Acesso em: 10 out. 2020.

MUSEU DE ARTE DA UFC. MAUC para colorir: caderno de ilustrações edição de aniversário 1961-2020. Francisco Antônio de Araújo. Fortaleza: Mauc, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18Vifugb-QWRPFwCby7GjIYqYpHWujs03/view> Acesso em 10 out. 2020.

Catálogos de exposições do Museu de Arte da UFC: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50860> Acesso em: 10 out. 2020

Artigos/Textos/Entrevistas

CARVALHO, G. de. Xilogravura: Os Percursos da Criação Popular. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 39, p. 143-158, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i39p143-158. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72075>. Acesso em: 10 out. 2020.

COSTA, Pedro Eymar Barbosa. A fascinante mística de um artista que prefere ver pétalas de rosa onde outros vêem pó. **Revista Entrevista**, Fortaleza, n. 22, p. 44-57, nov. 2009. Entrevista concedida a Amanda Sampaio, Arilo Assunção, Artur Mota, Camila Gadelha e Monyse Ravenna de Sousa Barros. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35935> Acesso em: 10 out. 2020.

JUAÇABA, Heloísa. Heloísa diz com quantas cores se faz arte erudita e popular. **Revista Entrevista**, Fortaleza, p. 43-54, set. 1994. Entrevista concedida a Cláudia Monteiro, Ethel de Paula, Francineide Martins, Liana Farias e Marília Aguiar. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/34624> Acesso 10 out. 2020.

MARTINS FILHO, Antonio. A ideia da criação do Museu de Arte. In: MARTINS FILHO, Antonio. **O outro lado da história**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983, p. 192-195. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1wyBBrspsc5x5veuYsboesZM4nGyUo-xvE/view> Acesso 10 out. 2020.

MENEZES, Zuleide Martins de. Martins Filho e as Artes Plásticas no Ceará: o Museu de Arte da UFC. In: MENEZES NETO, Paulo Elpídio de. (Org.). **Martins Filho de Corpo Inteiro**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004, p. 99-108. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1TrRjumumj5UHRJupVaj7Sj_C86_fehwr/view Acesso em 10 out. 2020.

Sites e redes sociais do Museu de Arte da UFC – Mauc

Site institucional: www.mauc.ufc.br

Facebook e Instagram: @museudeartedaufc

Instagram – Núcleo Educativo do Mauc (NEMauc): @educativomauc

Canal no Youtube: https://www.youtube.com/channel/UCvUt5h7IZhYVIS5RDamI_yA

Facebook e Instagram da Biblioteca do Mauc Floriano Teixeira: @bmauc

BOLO DE CENOURA COM COBERTURA DE CHOCOLATE E MUSEUS COMUNITÁRIOS: ELOS POÉTICOS E AFETIVOS NOS PROCESSOS EDUCATIVOS DO MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS¹

Mauro Luiz da Silva*

Introdução

O Museu de Quilombos e Favelas Urbanos - MUQUIFU - é um museu brasileiro, localizado em Belo Horizonte-MG, inaugurado no dia 20/11/2012, Dia Nacional da Consciência Negra, no Aglomerado Santa Lúcia (ASL). É um museu de base comunitária e atualmente é gerido por um coletivo, além de manter uma rede de colaboradores na própria comunidade local, nas escolas e universidades de Belo Horizonte. O acervo é formado por objetos, documentos e fotografias trazidos para o museu principalmente pelos moradores e, desde sua abertura, recebe visitantes que residem no entorno do museu, nossos vizinhos e que chegam das outras comunidades, também escolares do ensino fundamental, médio e superior das demais regiões de Belo Horizonte.

O museu realiza também intercâmbios levando parte da sua coleção para exposição em outros museus e nos territórios da cidade². Em 2018, por exemplo, o Museu Histórico Abílio Barreto - MAHB - solicitou ao MUQUIFU o empréstimo de objetos da coleção para a montagem da exposição *NDÊ! – Trajetórias afro-brasileiras em Belo Horizonte*. Neste texto analisaremos a experiência desta parceria e como os moradores do ASL mantêm uma ligação sensível com os objetos musealizados que estão no MUQUIFU e que estiveram expostos no MAHB.

Entendemos que a sensibilidade situa-se no campo da criatividade, da imaginação e da leitura poética que fazemos de nossas relações com as coisas e na partilha com outros sujeitos em nosso universo relacional.

* Doutorando e Mestre em Ciências Sociais; Pós-graduado em Psicopedagogia; Graduado em Teologia e Filosofia (PUC Minas) e *Storia e Tutela dei Beni Culturali (Università degli Studi di Padova/ Italia)*. Atualmente é sacerdote católico, diretor e curador do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (MUQUIFU); Coordena o Projeto de Pesquisa e Centro de Documentação NegriCidade, ambos em Belo Horizonte. Contato: (31) 99257 0856 / (31) 98798 7516; E-mail: mauroluizds@gmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7265019970240303>.

A sensibilidade é provocada por informações exteriores ao corpo no momento em que o homem é lançado ao mundo constituído por cores, odores, gostos, formas e ativamente interpretamos essas qualidades e usamos em nossas ações cotidianas (MERLEAU-PONTY, 1999). A relação dos homens com as coisas que se apresentam no mundo se estabelece por meio dos saberes sensíveis e o conhecimento tácito.

A experiência dessa relação dos moradores do ASL com seus objetos doados ao museu será analisada por meio de uma visita organizada pelo Coletivo MUQUIFU³ feita à exposição Ndê, montada no MHAB. Nesta visita estiveram presentes duas moradoras do ASL que doaram os objetos da coleção emprestados para a exposição Ndê. Trata-se de Maria de Fátima Silva Colares, doadora de um *Retrato de Formatura*, e Justina Dias Ferreira, que doou uma cama que compõe a exposição Doméstica, da escravidão à extinção, ambos em exposição no MUQUIFU.

Estes objetos se inserem no projeto expográfico do MUQUIFU que na contramão da representação museal e imagética baseada no colonialismo português, não expõe objetos de tortura ou suplícios. As imagens dos homens negros e das mulheres negras, e de outras formas de existir, estão representadas na diversidade de práticas culturais vivas, na herança de conhecimentos tradicionais e populares, na luta pelos direitos culturais, sobretudo na reivindicação do direito à cidade.

Museus como morada babélica

Entendemos que os museus se inserem nos circuitos de aprendizagem ética, estética e sensível da cultura. São ambientes ricamente estruturados que conservam referências materiais, registros de memória, e que também nos remetem a própria ideia do patrimônio pois, nos gestos de salvaguarda e perda, estão implícitas as estruturas mentais da sociedade e a forma como a sociedade quer ser lembrada.

Os museus propõem uma narrativa que pode nos encantar e desencantar, causar conforto e horror, isso porque o museu também nos expõe. O museu revela o nosso lado humano e proporciona experiências das quais nos apropriamos para usá-las em nossa vida cotidiana. Cada exposição em um museu relaciona o visível e o invisível, o material e o imaterial e encarna nossa experiência sensível, onde cada pessoa vive experiências particulares, de acordo com sua sensibilidade. O sujeito visitante também encarna o

museu, no sentido de que o experimentamos com o nosso corpo. Ao mesmo tempo o museu nos encarna porque por ele atravessamos, constituímos itinerários, lembramos, comentamos ou simplesmente silenciamos. A experiência é essencialmente imaterial, enquanto a visão, como o olfato e o paladar, faz parte dos sentidos humanos. É preciso assim entender que somos também atravessados pelas exposições dos museus.

No museu os visitantes são sujeitos andarilhos que percorrem um trajeto em relação com objetos, cenários, espaços vazios e, por sua vez, com outros sujeitos no museu. O museu convida a percorrer esse trajeto, por isso os visitantes são andarilhos que trilham o museu em sua busca por conhecimento ou outras mediações possíveis com as exposições. Os sujeitos andarilhos nos museus usam em primeiro lugar o corpo e com ele subvertem a lógica imposta pelas exposições que os atravessam e, conseqüentemente, pelas quais são atravessados. No seu trajeto pelo museu os sujeitos andarilhos observam por um tempo maior um objeto, passam por outros, leem as plaquetas que acompanham os objetos, partilham com outros sujeitos impressões em sua trajetória nas galerias e, às vezes, ignoram as explicações dos educadores. Enfim, a experiência de uma visita ao museu é antes de tudo humana. Para Soares e Scheinner (2010) a experiência nos museus “(...) consiste numa relação do humano com o real que reflete sobre o próprio indivíduo, que passa a se ver em relação às coisas que o cercam no mundo” (SOARES & SCHEINNER, 2010, p. 15).

O museu se constrói como fenômeno humano, pois nessa morada de dispersões há o encontro do ser com a própria coisa. E a tentativa de compreensão das coisas no mundo e os modos de nele estar não se fazem por meio de uma percepção passiva, mas resulta do esforço do ser em sua presença (MERLEAU-PONTY, 1999, p.94). E há também o encontro do ser com outros seres pois, como em nossa presença no mundo, estamos abertos a outros seres a partir de nossos reflexos, sensações e percepções.

Como uma morada de fragmentos, o museu é um cenário de deslocamentos. Os sujeitos percorrem a narrativa organizada pelos projetos curatoriais e propõem outras, muito menos universais e objetivas, que fazem parte de sua memória individual. Por meio de uma concepção de museu como “morada babélica”⁴ com suas diversas linguagens, na qual o sujeito é um andarilho e os objetos são ideias moventes, tocantes e provocadoras (PEREIRA, 2007), o museu deixaria de ser um espaço apenas de curiosidade que transporta o sujeito a outro tempo (caixa monumento) e possibilitaria

sentir empaticamente as implicações do passado no presente. Portanto, o museu é uma morada babélica, local de experimentação dos corpos e de reconhecimento de nossa humanidade. O museu pode ser também uma ferramenta útil, estratégica, para lidar com as questões de memória, para enfrentar as questões sociais. Mas, especialmente, podem contribuir para a dignidade da pessoa humana, para a dignidade social.

O MUQUIFU na exposição Ndê!

Em 2018 foi proposta uma parceria na montagem de uma exposição no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) localizado no bairro Cidade Jardim, bem próximo à atual sede do MUQUIFU, na Vila Estrela. A exposição *Ndê! - Trajetórias Afro-brasileiras em Belo Horizonte*, das curadoras Josemeire Alves e Simone Moura, conta a história da população negra que teve suas memórias silenciadas pela história oficial da cidade⁵. Para essa exposição o MUQUIFU emprestou ao MHAB parte da coleção em exposição. Dentre os objetos que foram emprestados está o “Retrato de Formatura” doado por Maria de Fátima da Silva Colares; a “Cama de Empregada” doada por Justina; a “Carta de Família” e o “Rádio do Sr. Tião Barbeiro”, ambos trazidos para o MUQUIFU por Solange Aparecida; a “Câmera Fotográfica” do Manoel do Rosário, retratista do ASL.

O objeto trazido por Justina para o MUQUIFU e que estava exposto no MHAB é uma cama de solteiro. Esta cama compõe o espaço expositivo *Doméstica, da escravidão à extinção: uma antologia do quartinho de Empregada no Brasil*. O objeto revela a precariedade das relações trabalhistas como marca da presença negra na sociedade brasileira no período pós-abolição e que perduram até os dias atuais. A coleção “Doméstica” é a primeira instalação do MUQUIFU e foi inaugurada no dia 27 de abril⁶ de 2013 e discute o lugar social ocupado por tantas mulheres negras no Brasil, propõe uma mudança radical na expectativa de tantos pela manutenção dessas “senzalas contemporâneas” que ainda hoje estão presentes em algumas casas e apartamentos. A cama nos convoca ao engajamento para que os quartinhos de empregada se tornem peças de museu, pelo fim do trabalho escravo no Brasil e no mundo. Dona Justina já se aposentou e, a pedido de seus patrões, continua trabalhando na mesma casa até hoje, há 35 anos, porém não dorme mais na casa dos patrões. Na exposição do MHAB a cama ficou no centro do salão principal no interior de uma vitrine, bem diferente da proposta expográfica desenvolvida no MUQUIFU. Em cima

da cama foram colocados outros objetos: cobertores e travesseiros, uma boneca negra, e dois canudos de diplomas.

Estes objetos ganham novos contornos na exposição *Ndê* uma vez que a proposta é demonstrar que as experiências dos sujeitos são antes de tudo coletivas. Representam a história de mulheres que sofreram e sofrem com a desigualdade de acesso a direitos essenciais no país.

O objeto Retrato de Formatura trazido pela Fátima é uma recordação da formatura no Jardim de Infância, quando chegou ao MUQUIFU veio com a narrativa da doadora que fez questão de registrar que naquele momento, em sua memória, estava se formando para vida. O Retrato de Formatura da Fátima compõe a trama hermenêutica da exposição *Ndê* provocando leituras sobre a luta de mulheres negras por acesso a direitos fundamentais como o acesso à educação.



Foto 01: Retrato de Formatura | Foto:Alexsandro Trigger
Local: Coleção Objetos Biográficos (1º Andar) | Acervo: MUQUIFU

Após a abertura da exposição NDÊ no MHAB o coletivo do Muquifu organizou uma visita ao MHAB com as moradoras que doaram os objetos e documentos que por um determinado período estariam expostos no MHAB, naquele dia a nossa pequena comitiva foi composta pela Samanta Coan, Cleiton Gos e por mim, além da Fátima e da Justina. Para o dia da visita, que aconteceu no dia 14 de dezembro de 2018, buscou-se contatar as próprias pessoas que doaram acervos e participaram daquele momento a Fátima e a Justina, doadoras dos objetos destacados acima, conseguiram participar da atividade. Até aqui nada de novo, se não fosse a atitude da Fátima que, sem nenhum tipo de combinação anterior, preparou um bolo de cenoura com cobertura de chocolate para servir durante a visita no MHAB. A Fátima simplesmente chegou ao local combinado trazendo uma bandeja coberta com um pano de prato e, com um sorriso largo anunciou: “Pessoal, vejam o bolo que preparei pro nosso lanche lá no museu!” (Depoimento dado ao autor e ao Coletivo MUQUIFU). Nossa reação só não foi de grande espanto porque ela quase sempre prepara algum quitute e traz quando vem nos visitar no MUQUIFU, mas, naquele momento, naquela situação, não nos pareceu oportuno e questionamos ainda assustados: “Nossa, que coisa boa, seu bolo de cenoura com cobertura de chocolate vai ser um sucesso!”. Quando chegamos ao MHAB fomos recebidos com a gentileza habitual e, imediatamente, anunciei: “Vejam que delícia a Fátima trouxe para o nosso café da tarde, onde podemos deixar a bandeja e onde iremos partilhar o bolo? Aliás, tem café ou chá aí pra nós?”. O pessoal que nos recebeu providenciou imediatamente um local, no jardim do museu, e chegaram com um café quentinho, preparado naquele momento, buscaram uma mesa e cadeiras e nos assentamos para compartilhar do bolo e para um dedo de prosa entre a comitiva do MUQUIFU e do MHAB, no jardim do museu.

O que percebemos aqui é que a atitude da Fátima está ligada a sua ideia de museu, sua experiência vivida no MUQUIFU, onde é comum que as nossas atividades educativas e culturais terminem com um chá e bolo na cozinha que fica dentro da Igreja das Santas Pretas⁷. A cozinha é um espaço afetivo, onde os visitantes podem partilhar alimentos enquanto tem a experiência de beber o Chá da Dona Jovem⁸, patrimônio material e imaterial do Aglomerado Santa Lúcia, vivência de afeto e, acima de tudo, ação que mantém vivas as memórias que passam de geração para geração naquela comunidade, enquanto houver uma boa caneca de chá, em cada encontro no museu. Essa é a experiência que a Fátima buscava vivenciar no MHAB ao levar o seu famoso bolo de cenoura com cobertura de

chocolate na expectativa de repetir ali o que vivencia no MUQUIFU. Ao que analisamos naquele momento e tivemos a oportunidade de refletir em outras oportunidades é que, para a Fátima, o MUQUIFU pode ser uma extensão da sua própria casa e que, ali no MHAB e em outros museus, essa mesma experiência pode se repetir. Ela rompeu assim com a formalidade habitual que se espera em uma visita a um museu e atravessa o MUQUIFU e o MHAB sem dificuldade, esperamos que também o faça em outros espaços museais.

Já a experiência da Justina passa por outro caminho e os museus, para ela, são ainda espaços distantes quando ela mesma diz: *“Eu passo aqui na porta há 40 anos e nunca entrei, porque achei que fosse um lugar assim, sei lá, pra gente rica e que tivesse que pagar pra entrar. Nunca tive coragem de entrar”* (Depoimento dado ao autor).



Foto 02: Visita da Justina à Exposição NDÈ (MHAB) | Foto: Samanta Coan

Na primeira vez que visitou o MHAB, Justina levou sua filha e seu neto para testemunharem o orgulho que sentia de ter o objeto doado ao MUQUIFU em uma exposição. Entretanto se decepciona ao ver que seu nome não aparecia na legenda do objeto e pergunta: “Porque o meu nome não está aqui na ficha que conta a história da cama que eu doei pro MUQUIFU?” (Justina Dias Ferreira, 04/12/2018). Diante do questionamento da Justina é que entendemos a sua expectativa que, somente no encerramento da exposição, outubro de 2020, por ocasião de uma entrevista organizada pelo Educativo do MHAB é que retomamos a conversa sobre esse mesmo assunto e ela reafirmou seu desejo ao rever a cama na exposição: “Pois é não colocaram mesmo o meu nome na plaquinha da cama!” (Depoimento dado ao autor).

Os objetos têm uma história própria, acumulada pelos caminhos percorridos antes de entrarem nos museus. Greenblatt sugere que os objetos, antes de chegar aos museus, possuem uma história ligada a apropriações pessoais, negociações e conflitos. O referente material, nesse caso o objeto, é apenas um elemento na complexa construção simbólica que originalmente marcou sua vida até chegarem às galerias dos museus. Para Greenblatt, no caso do objeto visualizado em galerias e museus, dois processos devem ser considerados: a ressonância e o encantamento:

Será mais fácil apreender os conceitos de ressonância e encantamento examinando a maneira como nossa cultura apresenta para si mesma, não os vestígios textuais de seu passado, mas os vestígios visuais e materiais que dele sobrevivem, pois estes últimos estão colocados em exibição em galerias e museus projetados especificamente para este fim. Por ressonância entendo o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocarem que os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque. Por encantamento entendo o poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada (GREENBLATT, 1991, p 250).⁹

O autor afirma que no caso dos vestígios visuais é necessário reduzir o isolamento, revelar a história de sua apropriação e as circunstâncias em que chegaram a ser exibidas, e restaurar a tangibilidade, no sentido de permitir que, por meio da ressonância, sejam provocados gestos imaginativos que potencialize a relação com o objeto.

No caso da cama da Justina a curadoria optou por não incluir a história dos doadores dos objetos. Imaginamos que esta escolha se deve ao fato de que a exposição pretende mostrar que a experiência dos sujeitos que possuíram estes objetos se assemelha a de muitos outros negros e negras no Brasil. Dessa forma, ao universalizar as memórias, as curadoras propuseram uma narrativa onde todos possam se reconhecer. Entretanto Justina queria ter visto seu nome inscrito no museu, um lugar que sempre lhe fora estranho e que agora abrigava a cama que esteve na casa onde ela trabalha a mais de três décadas, que recebeu como presente da patroa, que doou ao MUQUIFU e que, por dois anos, esteve exposta no MHAB, foi acrescentado significado em sua trajetória. Tivemos a oportunidade de perguntar por que ela desejava tanto que seu nome figurasse na “etiqueta” e ela respondeu: “Porque assim as pessoas que visitaram o museu não ficaram sabendo que essa cama era minha” (Depoimento dado ao autor).

Considerações Finais

Pensar o Museu como um espaço de dispersão de linguagens é entender que as exposições provocam muitas interpretações. Os sujeitos chegam aos museus com suas concepções éticas, estéticas e sensíveis que podem ser ressignificadas no contato com os objetos, legendas, focos de luz, espaços vazios e diálogo com os educadores de museus.

A experiência de Justina e Fátima ao visitarem a exposição *Ndê* nos leva a pensar sobre como os diferentes sujeitos entendem o papel da instituição museu na sociedade. Para Fátima, o museu é o lugar da partilha do sensível, no qual faria uma visita levando algo em troca: o bolo de chocolate. É o local onde encontra sua humanidade, pois ali pode ser quem realmente é, sem o cumprimento de um papel social que é imposto pela atividade trabalhista que realiza.

Justina sente orgulho de sua história e quis mostrar à filha e ao neto o objeto que doou ao museu. A cama ressoa sua experiência como empregada doméstica muitas vezes separadas de seus filhos, submetida a precárias condições de trabalho, mas também provoca memórias da resistência de como com todas adversidades que a vida lhe impôs, conseguiu ser mulher, mãe e agora avó e, como ela mesma nos afirmou, sua vida não se resume ao trabalho que realiza para o seu sustento, pois, como ela mesma insiste em nos dizer: “[...] domésticas tem muitas por aí. Agora, Justina Dias Ferreira, só tem eu mesma [...]” (Depoimento dado ao autor).

Notas

- 1 Agradeço as contribuições do prof. dr. Jezulino Lúcio Mendes Braga/UFMG.
- 2 Por meio de um carrinho de pipoca onde são expostos objetos do acervo do Muquifu. A proposta é levar questões socialmente vivas aos territórios da cidade, potencializado as ações educativas que acontecem no museu.
- 3 O Coletivo MUQUIFU é formado por Alexsandro Trigger, Caroline Gomes de Oliveira, Catharina Gonçalves Rocha, Cleiton Gos, José Augusto de Paula Pinto, Mauro Luiz da Silva e Samanta Coan.
- 4 Museu como espaço da dispersão, pluralidade, onde reside o paradoxo da salvaguarda e da irremediável perda que implica a própria vida. Museu como espaço das diversas linguagens e de possibilidade de partilhar experiências.
- 5 A exposição pôde ser visitada de novembro de 2018 a novembro de 2020. A expressão Ndê significa em Kibumdu, Anda, caminha, vá sem receio.
- 6 27 de abril é o dia da Empregada Doméstica, quando se comemora Santa Zita de Lucca, padroeira das Empregadas Domésticas.
- 7 A Igreja das Santas Pretas é um templo católico, uma capela ligada à Paróquia Nossa Senhora do Morro, no Aglomerado Santa Lúcia. O MUQUIFU não possui sede própria e usa, em sistema de comodato, o prédio localizado ao lado dessa capela. Como a Arquidiocese de Belo Horizonte não nos cobra aluguel pelo uso do espaço, o Coletivo MUQUIFU cuida do acervo sacro da paróquia local e realizou uma pintura mural de 110 metros quadrados que cobre todas as paredes do templo, intitulada “A Igreja das Santas Pretas”, inaugurada em 18/05/2018, dos artistas Cleiton Gos e Marcial Ávila e que tem o projeto iconográfico de minha autoria.
- 8 <https://www.youtube.com/watch?v=WnaesyQIFB4>
- 9 GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 250.

Referências

HABEMUS MUQUIFU. Catálogo. SILVA, Mauro Luiz da. (Org.). Belo Horizonte, Ed. Marginalia Comunicação; 2019, v. I. p. 60.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 1984. 275p.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.

PEREIRA, Junia Sales. Escola e Museu: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/CEFOPUC-Minas, 2007.

SCHEINER, Tereza Cristina; SOARES, Bruno. A chama interna: museu e patrimônio na diversidade e na identificação. Museologia e Patrimônio. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 13-22, jan./jun., 2010.

**TEORIA EDUCACIONAL, FORMAÇÃO,
PESQUISA E COMUNICAÇÃO NA
EDUCAÇÃO MUSEAL**

TESSITURAS PEDAGÓGICAS, ENTRE O MUSEU E O MUNDO

Ricardo Rubiales*

O contexto contemporâneo vem trazendo desafios e oportunidades inéditas a todo momento. A rapidez das transformações tecnológicas afeta diretamente a esfera social. Todas as organizações humanas foram e serão impactadas pelo desenvolvimento tecnológico e pela velocidade dos meios digitais de forma contundente em um mundo pós Covid-19.

A adaptação dos museus a estas condições, novas ou esperadas, põe em tensão e provoca a reinvenção dos formatos no museu por vir. A palavra “permanência” foi um dos conceitos mais discutidos no surgimento de uma nova definição de museu.

Três conceitos podem indicar esta sociedade líquida (BAUMAN, 2001) em que vivemos. A hiperconexão, que entre outras coisas assinala como o acesso e transmissão da informação molda e define usos e costumes sociais (CARBONELL, 2015)¹. Isso se modificou radicalmente a partir da contingência sanitária e é esperado que a média global de uso da internet cresça exponencialmente em 2020. Como compreendemos o museu híbrido: digital e presencial, em um futuro imediato?

O conceito “transmídia”, que se relaciona com o uso e alcance de diferentes meios de comunicação - e que assinala especificamente a fragmentação da informação -, sua instantaneidade e seu caráter primordialmente efêmero, contrastando diretamente com os processos de comunicação típicos do século XX (JENKINS et al, 2015). Como enfrentamos, na perspectiva dos museus, essas novas estruturas de comunicação?

Essa circunstância comunicacional remete às atuais discussões sobre a hiperrealidade. No contexto dos meios digitais, decidir o que dizer e o que não dizer ressalta a relevância e a posição do museu nas sociedades em que está inserido. A museologia contemporânea expressa fundamentalmente

* Trabalha desde 1994 com pesquisa e aplicação de teorias educativas de vanguarda no contexto museal. Museólogo e educador, com mestrado em Neuropsicologia e Aprendizagem, recebeu vários prêmios, entre eles o de Pesquisa Educacional em Museus do CECA ICOM, em 2019. Esteve à frente das áreas educativas de museus renomados no México e da criação de seis novos museus na América Latina. No momento, realiza seu doutorado em Museologia Crítica.

as culturas de nosso tempo, a cultura da mistura, a expressão de uma sociedade em transformação².

Essa posição institucional do museu diante das atuais circunstâncias sociais pode marcar uma diferença no modo de “estar” nas discussões do agora, um elemento-chave para a comunicação atual e para o museu, tomado como um artefato de memória de importante peso político. A transformação da prática museal hoje revela a necessidade urgente de criar estruturas que concorram para a coautoria dos públicos (WEST, 2019) e de diversas comunidades, em qualquer programa e ação museológica.

Na perspectiva Reggiana (RINALDI, 2006), a relação entre comunicação e aprendizagem é intrínseca. Diferentemente do sistema dos meios de comunicação de massa, é concebida como um princípio para a participação e o ato de compartilhar. Deste modo, a visibilidade e a legibilidade serão elementos-chave nessa perspectiva educacional.

O museu complexo

Por outro lado, a transdisciplinaridade apresenta uma mudança epistemológica para o futuro. A realidade é constituída por sistemas complexos. Analisá-la a partir de um pensamento reducionista e simplista, oferecido por uma disciplina ou ciência, apresenta enormes limitações quando se trata de resolver problemáticas contemporâneas (MORIN, 2001). O museu moderno surgiu com um olhar reducionista, adequando-se a tipologias disciplinares (arte, ciência, história, entre outras).

Oposto a essa visão tradicional, o paradigma da complexidade³ implica abordar a realidade, neste entendimento múltiplo, a partir de desafios transdisciplinares, aproveitando a sinergia entre as diferentes áreas do conhecimento, para oferecer novos conceitos, visões e reflexões. De que forma o museu ultrapassa os limites disciplinares e inclui a diversidade de vozes e perspectivas?

Por exemplo, um dos desafios educativos do mundo contemporâneo é saber discernir as informações. Essa não era uma habilidade ensinada no século XX. A escola tradicional não nos ensinou a questionar a informação, mas sim a aceitá-la, naquele mundo em que só os especialistas publicavam livros, davam entrevistas ou tinham acesso a plataformas para difusão de seus conhecimentos.

No mundo das redes sociais e da internet, as notícias falsas se espalham muito mais rápido e mais longe do que a informação verdadeira. Analisando esse processo de propagação, descobriu-se que são as pessoas, e não os bots, que retuíam informação falsa ou imprecisa⁴.

Por isso, nosso compromisso hoje é promover espaços de aprendizagem para o discernimento das informações, a avaliação sempre de forma crítica, ação fundamental na vida diária do século XXI⁵.

Assim, de uma perspectiva educacional, é necessário reconhecer e fomentar, na experiência do museu, momentos de reflexão profunda, de questionamentos pessoais e inclusive espaços de dissonância cognitiva, destacando as tensões históricas, as diferentes posições em relação à percepção e à definição dos “absolutos”, além da complexidade dos processos históricos e sociais sobre o que consideramos patrimônio - um conceito que promove diálogos e discussões interessantes. De que maneira poderíamos motivar diálogos que provoquem o discernimento das informações, a percepção dos contrastes e a busca por fontes verídicas? Não esqueçamos que, em um olhar pedagógico, os conteúdos são intercambiáveis - o enfoque está no desenvolvimento do pensamento.

Como ressalta Perkins (2010), é necessário reconsiderar a aprendizagem a partir da compreensão e do exercício de pensamento. Essa será a abordagem atual na educação, que não busca avaliar as habilidades de memorização, mas sim a possibilidade de aplicação da informação e de resposta diante dos distintos níveis de desafios que o educando pode enfrentar ao se deparar com determinado problema.

Philippe Meirieu (1998) assinala: “Em educação, o normal é que a coisa não funcione. O normal é que o outro(a) se revele para nós, mesmo que apenas para nos lembrar que ele(a) não é um objeto que se fabrica, e sim um sujeito que se constrói”.

Ainda que, no âmbito dos museus, essas discussões já tenham algumas décadas, considero que a problemática persiste, em uma percepção exclusivamente metodológica das áreas educativas. A compreensão geral é a de que nossa função principal é transmitir informação - explicando os conteúdos da exposição, emulando uma aula - e desenvolver atividades com o público - sempre reforçando o tema da exposição. Deve-se a isso a pouca ingerência dos educadores nos processos de desenho das exposições e dos projetos.

Essa perspectiva exclusivamente metodológica se presta ao conhecimento dos métodos e casos, mas não necessariamente das ideias e concepções que constroem os projetos educativos. Nos congressos de educação, os painéis de apresentação de projetos são sempre os de maior êxito, receitas para desenvolver esta ou aquela atividade. Porém, cada museu tem um contexto específico; sempre será necessário “refazer” e “adequar” qualquer projeto. O “saber fazer” educacional nos museus está bastante relacionado a esta capacidade de reunir, combinar, reformular e transportar para o contexto e público específicos de cada espaço.

Ainda hoje, problematizar a visita guiada é um tabu para muitos profissionais de museus, que a concebem como um elemento indiscutível na experiência do museu, impossível de se desconstruir ou repensar. Por quê? Em certo sentido, a visita guiada é a ação mais representativa da posição colonialista do museu moderno, em sua imposição de verdades, quando, de forma exclusiva e atenta, os públicos escutam o especialista, que lhes ensinará o que é arte, ciência, cultura ou história.

Ao contrário, o paradigma da Mediação (FEUERSTEIN, 2010) propõe um enfoque no desenvolvimento de habilidades de pensamento do educando, que, idealmente, participará de forma contínua, refletindo, trazendo o seu conhecimento prévio e observando suas próprias respostas, e inclusive sua maneira de se aproximar ao que o museu lhe apresenta. Efetivamente, aqui o discurso da exposição não é a questão central. E esta será uma das perspectivas dissonantes da mediação em relação à didática tradicional: o enfoque principal está no que as pessoas reconhecem, discutem e questionam sobre o que veem e escutam. Trata-se de desenvolver suas habilidades de pensamento, e não de “aprender verdades”.

O trabalho educativo em relação ao desenvolvimento de habilidades demanda muito tempo dedicado ao processo de desenho e à compreensão clara sobre o território que melhor se adéqua à intervenção educativa⁶. Afinal, essa abordagem contemporânea de educação é muito mais complexa do que aquela que só demandava repetir um roteiro curatorial.

A indagação como matéria-prima

Fazer boas perguntas toma tempo, implica uma prática contínua, a partir da análise da informação e das múltiplas perspectivas (Swartz et al, 2014). No desenvolvimento de qualquer intervenção educativa do museu é possível

incluir diversos cenários, perguntas disparadoras para diferentes níveis de questionamentos, rompendo a estrutura linear tradicional. Imaginar a interação como um tecido de distintas circunstâncias. Essa ideia de tessitura torna mais complexo o desenho educativo, mas também coloca para os pedagogos contemporâneos uma reflexão comum⁷.

Um marco do trabalho em direção ao desenvolvimento de habilidades de pensamento poderia incluir:

- Gerar novas perspectivas e ideias. A partir da cultura visual e material das coleções, é viável explorar possibilidades, sintetizar elementos ou construir metáforas. Inclusive inferir novas ideias a partir de determinada definição;
- Esclarecer e construir sentidos: acontece quando se convida os educandos a comparar/contrastar diferentes imagens e objetos⁸. Também se pode convidar a classificar e definir, criando categorias e dando definições a cada uma delas. Promover o discernimento entre fatos e opiniões requer descobrir suposições e analisar argumentos;
- Tomada de decisões: pode ser oferecida inclusive em relação à direção a seguir, até revelar como percorremos o espaço museal⁹. É comum que, em um museu, a pessoa siga “por onde dizem que ela deve ir”, por uma determinação que responde a um fluxo, mas não necessariamente a um desenho. Certas intervenções educativas promovem o uso de mapas que encaminham para problemáticas específicas ou permitem explorar o museu de distintas formas¹⁰.
- Avaliar de forma crítica: propõe discutir a informação apresentada, considerar perspectivas e sua relevância ou pertinência;
- Construir argumentos: dialogar sobre suposições, promover diálogos sobre a percepção, construção de sentido e interpretações realizadas a partir das propostas do museu.

Em todo o processo, é importante sublinhar o diálogo como um princípio-chave de toda intervenção educativa. É possível potencializar os processos de aprendizagem do museu, quando se tem a possibilidade de refletir a partir das vozes de outras pessoas, suas perspectivas e comentários¹¹.

Quando nos encontrarmos no processo de desenho de um projeto educativo, devemos analisar o “objetivo geral” - que prefiro definir como

“intencionalidade”. Ela reforça que o público analise, indague, interprete, observe, compare, oponha ou avalie¹²? Essas palavras se referem a habilidades fundamentais ao pensamento e que podem potencializar o encontro com objetos, imagens, processos culturais e históricos, motivando a interpretação - a construção de sentido - e a reflexão.

Criar significado é um processo contínuo para a mente humana, que acontece automaticamente quando os públicos estão diante de objetos, situações ou imagens desconhecidas, confusas ou ambíguas. Em muitas ocasiões, ao construir significados, damos-nos conta daquilo que conhecemos e do que ignoramos.

O pensamento crítico e as soluções criativas, além das funções executivas - que implicam a planificação de ações, a antecipação de resultados ou a adaptação a situações instáveis, entre outras -, ocorrem no córtex pré-frontal do cérebro humano. Entre essas habilidades de pensamento, a reflexão e o pensar sobre como pensamos são, para vários neurocientistas, capacidades exclusivamente humanas (SWARTZ et al, 2014).

Promover a metacognição ou pensar sobre o próprio pensamento implica reconhecer os passos e estratégias que utilizamos em face de determinada circunstância (o porquê de tomarmos certas decisões) e analisar os resultados. Uma grande parte da estrutura necessária para o desenvolvimento do pensamento científico, inclusive a educação artística, demanda o reconhecimento das aproximações e significados pessoais diante de determinado fenômeno, imagem ou objeto. Por isso, é fundamental promover a metacognição no contexto da educação nos museus.

Algumas reflexões sobre a metacognição no trabalho museal:

- Não se trata somente, por exemplo, de descrever certa imagem; trata-se de questionar os significados e portanto as interpretações que se formam, a partir de que lugar se constroem e quais referentes propiciam cada leitura específica;
- Implica reconhecer o pensamento e as estratégias que se utilizam diante de determinadas circunstâncias;
- Requer identificar a origem do reconhecimento de um objeto ou imagem. Como se reconhece? É a partir de um referente? Uma comparação? Uma inferência...?;

- É importante analisar o que temos dito, os momentos em que mudamos de opinião e por quê;
- Sempre há procedimentos em que podemos avaliar os processos de pensamento que realizamos, escutando outros e construindo a partir de suas reflexões.

As pedagogias críticas, transmutar a instituição

Em outra perspectiva, como participamos no fortalecimento da compreensão humana entre culturas? O museu colonialista se estabelece na imposição de formas de ver e dar significado às coleções. Hoje, a construção de conhecimento sobre as coleções requer interpelar outras visões - comumente silenciadas. A inclusão e a diversidade serão uma posição educativa a favor do processo de descolonização e multiculturalismo.

Muitas experiências museais nesse campo se aproximam de comunidades específicas, abraçando cosmovisões e epistemologias em um marco de conectividade e interrelações múltiplas. Ainda que isso seja uma experiência já desenvolvida em exposições, a proposta é que se estabeleça como uma postura que reforce diretamente a missão do museu.

No caso do Museo-Taller Ferrowhite, em Bahía Blanca, na Argentina¹³, ou da Casa de la Memoria, em Medellín¹⁴, ambos propõem espaços que falam de uma história que não cessa de se construir e apresentam uma reflexão distinta, oferecendo alternativas para reexaminar a visão histórica. Segundo o ICOM (International Council of Museums), a nova definição de museu deve se basear em uma pluralidade de cosmovisões e sistemas de conhecimento, em vez da simples e tradicional visão científica ocidental¹⁵.

Na medida em que nosso trabalho se dedica aos bens, heranças e patrimônios, como responder à intolerância ideológica? Temos sido testemunhas - durante a última década - da destruição furiosa de diversas expressões do patrimônio humano, gerada por argumentos culturais e religiosos utilizados como justificativa para a destruição. Enquanto o ICOM vem trabalhando incansavelmente na prevenção e sensibilização em relação a estes temas, poderíamos transferir essas motivações e perspectivas para um nível local? Há exclusão, intolerância, violência? Colaboramos, como instituições públicas, para essas circunstâncias em nosso entorno? De que

maneira a recontextualização das coleções (tangíveis e intangíveis) permite compreender processos históricos, ampliando os horizontes de significado na interpretação do patrimônio?

O tema da cidadania deve ser um elemento-chave no desenvolvimento de todo projeto museológico? Ou é um tema tabu, que não devemos discutir? Está fora da ação educativa do museu?

Essa revisão epistemológica também ressalta a necessidade de redefinir e explorar os significados e relações que damos a nossas coleções - e as relações que omitimos ou realçamos. Por exemplo, Chakrabarty (2019) reforça que estamos diante de um panorama socioecológico de fragmentação e dissonância, com terríveis catástrofes a nível planetário, que são omitidas na evolução da vida nos museus de ciências. As epistemologias do museu têm que se modificar, rumo a uma relação diferente com a natureza, em vez de assumirem uma posição temerosa, que constrói discursos nostálgicos, pertencentes àquela ciência burguesa da modernidade.

Nesse sentido, é possível assinalar a percepção do museu não como um fim em si mesmo (MAIRESSE, 2007), e sim como um meio, através do qual a humanidade pode preservar e refletir sobre o entorno em que está imersa e sobre a diversidade das sociedades de ontem e de hoje. O museu participa na geração de conhecimento, não apenas no sentido da investigação das coleções que abriga, mas também como gestor dos significados atribuídos, sensível a confrontamentos críticos, entre a evidência tangível e intangível da atividade humana. O museu pode ter um impacto imediato no contexto das sociedades atuais e no futuro por vir (VAN PRAËT, 2019).

Notas

- 1 Em dezembro de 2019, a média global de conexão diária à internet foi de 6 horas e 42 minutos (Global Web Index, 2019). Alguns países superaram este tempo, chegando a 9 horas (Colômbia, Tailândia, Brasil e Filipinas).
- 2 Conforme Mário Moutinho, PhD no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona, em Lisboa, e vice-presidente do MINOM (Mouvement International pour la Nouvelle Muséologie), na apresentação “From New museology to Sociomuseology”, proferida em julho de 2016, na “24th General Conference of the International Council of Museums”, em Milão.
- 3 Maldonado (2010) assinala que a complexidade “procura percorrer as fronteiras do conhecimento, quer dizer, ampliar o perímetro e conseqüentemente a área do conhecimento” (p.11).
- 4 Segundo pesquisa do MIT publicada em VOSOUGH, S., ROY, D. & ARAL, S. The Spread of true and false news online. In: *Science*, 09 Mar 2018, Vol 359, dossiê 6380, pag. 1146-1151.
- 5 Este será o convite do informe da UNESCO de 2015: “refletir sobre a educação de maneira ambiciosa e formular uma visão a respeito, em um mundo em mutação”.

- 6 Me refiro a considerações de tempo, linguagem, espaço físico, públicos...
- 7 Perkins e Swartz possuem várias décadas de trabalho em mapas estratégicos do pensamento.
- 8 Devo a Patricia Piñero e seu esplêndido trabalho à frente do projeto de mediação no Forum Universal de las Culturas, em Monterrey, em 2007, uma das experiências educativas em museus mais significativas que vivi. Lembro-me, dentre muitas experiências, de uma intervenção na exposição “Isis e a serpente de plumas”. A proposta era uma comparação entre materiais, formas e processos de criação dos objetos, como uma porta de entrada ao diálogo e à apropriação da proposta de exposição.
- 9 O projeto “Diário de viagem” que desenvolvemos no MUAC consistia na elaboração de um mapa a partir dos interesses, buscas e reflexões do usuário. Cada documento era único e formava um testemunho físico da experiência pessoal no museu.
- 10 O “Mapa-múndi”, projeto que ganhou o prêmio Ibermuseos na categoria de incubadora de projetos educativos, propunha um mapa que se modificava a partir das decisões do usuário, oferecendo diferentes opções de visita.
- 11 Os resultados da pesquisa sobre o projeto “Para além de teus olhos”, no MUNAL, sublinham a importância da aprendizagem entre pares como uma experiência muito potente dentro do projeto museal, promovendo novas interações e espaços para o diálogo.
- 12 Normalmente, uma concepção condutista irá optar por “mostrar”, apresentar ou comunicar determinados conteúdos.
- 13 <https://www.facebook.com/museoferrowwhite/>
- 14 <https://www.museocasadelamemoria.gov.co/>
- 15 <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>

Referências

- BAUMAN, Z. *La globalización, consecuencias humanas*. México: FCE, 2001.
- CARBONELL, J. *Pedagogías del siglo XXI. Alternativas para la innovación educativa*. Barcelona: Editorial Octaedro, 2015.
- CHAKRABARTY, D. *Museums between Globalisation and the Anthropocene*. London: Oxford Press, 2019.
- DORFMAN, E. Changing Epistemologies in the Museum: An Evolving Relationship with Nature. In: *Museum International*, ed 71, pag 1-2, 30-37, 2019.
- FEUERSTEIN, R. & FALIK, L. H. *Beyond Smarter: Mediated Learning and the Brain’s Capacity for Change*. Michigan: Teachers College Press, 2010.
- Global Web Index. *Global Digital 2019 Report*. Acessado em junho de 2020, em <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>.
- JENKINS, H., FORD, S. & GREEN, J. *Cultura Transmedia. La creación de contenido y valor en una cultura de red*. Barcelona: Gedisa, 2015.

- MAIRESSE, F. *Vers une redéfinition du musée?* París: L'Harmattan, 2007.
- MALDONADO, C. *Fronteras de la ciencia y complejidad*. Bogotá: Universidad del Rosario, 2010.
- MEIRIEU, P. *Frankestein educador*. Madrid: Laertes, 1998.
- MORIN, E. *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro*. París: UNESCO, 2001.
- PERKINS, D. *El aprendizaje pleno, principios de la enseñanza para transformar la educación*. Madrid: Paidós, 2010.
- RINALDI, C. *In Dialogue with Reggio Emilia, Listening, Searching and Learning*. New York: Routledge, 2006.
- SWARTZ, R.; REAGAN, R.; COSTA, A.; BEYER, B. & KALLICK, B. *El aprendizaje basado en el pensamiento. Cómo desarrollar en los alumnos las competencias del siglo XXI*. Madrid: Ediciones SM, 2014.
- UNESCO *Replantear la educación ¿Hacia un bien común?* París: UNESCO, 2015.
- VAN PRAËT, M. *The Modernity of the Museum*. London: Routledge, 2019.
- WEST, R. Cultural Interpretation in the 21st Century: Transformational Changes in Museum Practice. In: *Museum International*, ed 71, pag 1-2, 48-59, 2019.

O GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO MUSEAL: CONCEITOS, HISTÓRIA E POLÍTICAS

Fernanda Castro *

Jonatan Silva

Priscila Borges

Thiago Consilgio

Um grupo de pesquisa em um museu: como? Por que? Para que?

O [Grupo de Pesquisa “Educação Museal: conceitos, história e políticas” \(Gpem\)](#), está cadastrado no [Diretório de Grupos de Pesquisa - Lattes](#), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), integrando o diretório do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Comumente vêm-se grupos de pesquisa ligados às universidades ou a institutos de pesquisa e científicos vinculados ao CNPq, sendo ainda raro ver grupos vinculados a museus e demais instituições culturais.

Entretanto, a ideia de um grupo de pesquisa em Educação Museal surgiu a partir de debates sobre a aplicabilidade e os desafios apresentados pela [Política Nacional de Educação Museal \(Pnem\)](#). A Pnem orienta, em especial no seu Eixo II - profissionais, pesquisa e formação, o reconhecimento do museu como espaço de pesquisa e da Educação Museal como função dos museus, estando entre os temas de desenvolvimento e promoção científica sob responsabilidade dos museus.

Nesse sentido que foi criado o GPEM, no âmbito do Programa de Pesquisa e Criação em Educação Museal, do Núcleo de Educação do Museu Histórico Nacional (MHN). Essa criação combina-se com a realização de ações de reestruturação, sistematização e aprimoramento do trabalho educativo do

* Fernanda Castro - Educadora museal no Museu Histórico Nacional/Ibram. Graduada em história, mestre e doutora em educação. Lidera o Grupo de Pesquisa “Educação Museal: conceitos, história e políticas. Professora

Jonatan Silva - Formando em Pedagogia pela UNIRIO, Educador Museal Terceirizado no Museu Histórico Nacional, integrante do GPEM/MHN/CNPq e de projetos de Extensão sobre PHC e decolonialidade.

Priscila Borges - Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ-PPFH).

Thiago Consilgio -

museu que permitiram a elaboração participativa de sua Política Educacional (2019), documento anexo ao Plano Museológico (2020-2023), por meio do seu Programa Educativo e Cultural.

Inicialmente o GPEM integrou, ainda como linha de pesquisa, o Grupo de Pesquisa Escritas da História em Museus: objetos, narrativas e temporalidades (Gpehm), criado também no MHN, em 2016.

Foi por organizar uma quantidade grande de pesquisadores, estudantes e profissionais da Educação Museal e ter uma dinâmica própria e muito autônoma, que em junho de 2019, um ano após a criação da linha de pesquisa, que o Gpem tomou rumo próprio, passando a funcionar como um grupo. Em sua estrutura funcionam três linhas de pesquisa: (1) História da Educação Museal; (2) Perspectivas conceituais, teóricas e metodológicas da Educação Museal e (3) Práticas e políticas públicas de museus e Educação Museal.

Em 2020, com dois anos de funcionamento o grupo tem 30 integrantes cadastrados e mais cerca de 20 participantes ativos, sendo estes doutores, mestres, especialistas, graduados e graduandos, pesquisadores, estudantes, educadores e demais profissionais de museus e da cultura.

Com reuniões mensais que realizam estudos e leituras, organizam eventos e produções na área, o Gpem alterou sua configuração na conjuntura da Pandemia de Covid-19. Com encontros online, o grupo tem reunido integrantes do Rio de Janeiro (e Grande Rio), com participantes do interior do estado, e também do Distrito Federal, do Ceará, da Paraíba, de São Paulo (capital e interior).

De acordo com sua apresentação na plataforma do Diretório de Grupos do CNPq, o Gpem:

Por meio da investigação, da produção de eventos, artigos, estudos e pesquisas, informação e do estabelecimento de redes de trocas de saberes, o Grupo de Pesquisa Educação Museal: conceitos, história e políticas visa à constituição de um campo de reflexão sobre as experiências, as práticas, os debates teóricos e conceituais da Educação Museal, de maneira a fortalecer a constituição desse campo. O escopo temático do Grupo envolve o conhecimento sobre a história dos museus, o surgimento das primeiras práticas e setores educativos museais, no Brasil e no mundo, bem como das primeiras pesquisas sobre o campo.

Abrange também a análise do histórico, da implementação e avaliação de políticas públicas de Educação Museal, tendo como base para todos esses temas a investigação e elaboração crítica sobre o universo teórico e conceitual da Educação Museal, que vêm contribuindo para sua constituição como campo científico, a partir da relação entre museus, universidades e sociedade (DGP.CNPQ).

Entre os principais objetivos do grupo estão: a troca de experiências, a promoção de formação continuada para profissionais de museus e demais interessados, a produção científica em Educação Museal; a elaboração de materiais educativos e de artigos acadêmicos para publicação própria e para submissão externa, a realização de eventos e parcerias e o fortalecimento da Educação Museal como campo profissional, político e teórico, em constante integração e harmonia com a museologia, a pedagogia e áreas afins.

Os eventos e realizações do Gpem têm caráter aberto e participativo e reúnem públicos diversos com interesses comuns. Entre as ações já realizadas e em andamento o Gpem conta com propostas próprias e com aquelas desenvolvidas em colaboração ou parceria com seus integrantes e com as instituições que eles representam.

Algumas ações e pesquisas em desenvolvimento

No MHN existem atualmente dois projetos de pesquisa em curso: (1) Projeto de Produção de Dados em Educação Museal (Prodem) e (2) Projeto Mulheres na Educação Museal. No primeiro caso foi feita uma parceria entre o Gpem, a Coordenação de Museologia Social e Educação do Ibram, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo (SEC-SP) e a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro (SECEC-RJ). Em colaboração foi realizada, em 2019, uma pesquisa sobre a situação do trabalho educativo em museus vinculados a esses órgãos e sobre o perfil de seus trabalhadores, que alcançou 51 museus e 167 profissionais¹. No segundo caso, foi desenvolvida entre 2019 e 2020 uma pesquisa no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) do CNPq/Ibram, com a graduanda em museologia, Larissa Caroline Martins, que investigou o papel de mulheres no desenvolvimento do trabalho educativo do MHN entre os anos de 1922 e 1958, destacando-se sua atividade prática e produção intelectual.

Destacamos ainda a realização do Seminário Internacional, sediado no Museu Histórico Nacional, “Museu e Educação: os 60 anos da Declaração do Rio de Janeiro” em 2018. O evento se propôs a refletir sobre a função educativa dos museus remetendo aos 60 anos de realização do Seminário Regional da UNESCO sobre a função contou com uma programação com conferências, mesas redondas e painéis temáticos, reunindo 13 palestrantes e 43 apresentações de comunicações orais. Integraram a programação dos painéis pesquisadores de todo o território nacional que se inscreveram através de chamada pública. Em 2020 foram publicados o [Anais do Seminário](#), no volume número 52 dos Anais do Museu Histórico Nacional, e o [Caderno de Resumos das Comunicações Orais](#).

O 2º Seminário Museu e Educação, previsto para ser realizado em 2020, com a temática “Educação museal e decolonialidade”, foi adiado para 2021, devido ao contexto da Pandemia de Covid-19 que manteve fechados os museus a maior parte do ano de 2020.

Entre 2018 e 2019, o Gpem contribuiu para a construção participativa do [“Programa Educativo e Cultural - A política Educacional do MHN”](#). Para pesquisa, fundamentação e escrita da sua política educacional, foram realizadas inúmeras reuniões de equipe, uma mesa redonda, dois eventos de consulta ao público e uma reunião com os demais setores do MHN, a fim de receber sugestões e debater os princípios e objetivos do trabalho educativo institucional.

Em 25 de abril de 2019 foi realizada a Mesa Redonda: “Construindo o campo da educação museal”, em que foram debatidos aspectos teóricos, metodológicos e conceituais da Educação Museal, com a participação de Maria Esther Alvarez Valente, Sibelle Cazelli, Paula Bonatto e Fernanda Castro.

Na 16ª Semana Nacional de Museus, no dia 13 de maio de 2019, foi realizado o Seminário [“O futuro das tradições: construindo o PEC do MHN”](#), com a presença de Mila Chiovatto, que foi a primeira ação de consulta pública para a construção da política educacional do MHN.

Em julho de 2019, foi realizada reunião com a comissão de gestão do MHN, integrada por representantes de todos os setores do museu, para apresentação e sugestões, sobre a política educacional institucional.

Na 13ª Primavera dos Museus, no dia 23 de setembro de 2019, foi realizado novo evento com lançamento da proposta de texto final da Política

Educacional do MHN, com consulta aberta ao público. Após as consultas e o trabalho de escrita da política educacional do MHN pela sua equipe, o documento final foi então oficializado em janeiro de 2020, por meio da Portaria nº 5, assinada pela então diretora do museu, Vania Drummond Bonelli.

Ainda no contexto da 13ª Primavera dos Museus, no dia 23 de setembro, foi inaugurado o Centro de Referência da Educação Museal (CREM), uma coleção que compõe o acervo bibliográfico do MHN e conta com a Coleção Magaly Cabral, doada por essa educadora e museóloga, que completa um conjunto especializado no tema, que conta com livros, revistas, folhetos, materiais multimídia e recursos didáticos de museus e instituições culturais do Brasil e do mundo.

A proposta do CREM é acolher pesquisadores interessados no tema e realizar estágios e residências profissionais, orientando pesquisas e colaborando para o fortalecimento do campo.

No mesmo contexto, sobre a formação de profissionais do campo, em 2019, foram inaugurados os cursos livres oferecidos no âmbito das ações do grupo e realizados em parceria com diferentes instituições e profissionais, sendo eles:

- (1) Curso Básico de Educação Museal;
- (2) Curso sobre Elaboração do Programa Educativo e Cultural;
- (3) Curso Educação Museal e Acessibilidade;
- (4) Curso Educação Museal Online (a ser realizado);
- (5) Curso sobre Planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais (realizado no formato oficina online, atualmente em adaptação para formato curso).

Os cursos são baseados em leituras, reflexões e produção prática acerca dos temas abordados. Em sua primeira turma, o Curso Básico de Educação Museal produziu o texto do Manifesto por um museu educativo (de fato)². Prevê-se a elaboração de cursos dentro de outras temáticas, e em versões online, para possibilitar com maior facilidade a participação de profissionais de outras cidades.

O I Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Educação Museal aconteceu no dia 01 de outubro de 2020 através da plataforma Google

Meet, em decorrência da pandemia de COVID-19. Através de rodas de conversa, buscamos apresentar algumas pesquisas e temas de interesses dos integrantes do grupo, identificando possíveis articulações temáticas e avaliando conexões futuras. Ao longo do evento, contamos com a presença de convidadas que atuaram como comentadoras, estabelecendo vínculos entre os temas apresentados e possibilidades e sugestões de atuação do GPEM, no âmbito da prática, da política e da teoria. Posteriormente, os resumos expandidos e textos de participantes convidados serão publicados, como estratégia de fortalecimento e divulgação científica do campo. Prevê-se a realização anual ou mesmo semestral dos seminários internos do grupo, abertos ao público e a convidados.

Publicações e eventos, tais como webinários, oficinas, também são parte das ações realizadas pelo GPEM. Em 2020, lançamos o [primeiro volume](#) desta série de livros, dedicado à História de Educação Museal e à questão da prática político-pedagógica, que esperamos poder ser o pontapé inicial para muitas outras publicações, construídas de forma coletiva e tendo em vista a difusão do conhecimento produzido em Educação Museal. No âmbito da 14ª Primavera dos Museus realizamos uma oficina, voltada para a equipe do MHN, e profissionais de museus do Ibram e convidados, sobre o Planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais, que culminou na realização de um [webinário](#) com o mesmo tema.

Em suma, o GPEM tem nos seus dois anos de existência atuado de forma colaborativa, com profissionais e pesquisadores de diferentes estados, instituições e formações profissionais, produzindo e divulgando conhecimento, tendo em vista a implementação da PNEM e o fortalecimento da Educação Museal como campo científico, prático e político.

Recortes teóricos e epistemológicos presentes no GPEM

Nosso grupo atualmente conta com diversos pesquisadores dos mais variados graus de titulação desde doutores, mestres, especialistas, até graduandos. Cada indivíduo apresenta consigo uma visão de mundo para elaborar seus discursos e da mesma forma cada pesquisa parte de um ponto de vista singular. As pesquisas que cada sujeito cria, como integrante do GPEM, são compartilhadas a partir de recortes teóricos e epistemológicos que, em contato com essa diversidade de pensamentos, elaboram constelações de saberes que se complementam e se fortalecem através da troca viva e ativa.

Todos estes pontos de vistas epistemológicos podem ser percebidos através de interesses temáticos que se preocupam com uma crítica social e destacam o papel das instituições museais no contemporâneo.

Um mapeamento da diversidade teórica presente no grupo inclui pesquisas fundamentadas no Marxismo, assim como na Fenomenologia, ou em perspectivas pós-estruturalistas, na Descolonização e Colonialidade/Decolonialidade do poder e nas Epistemologias do Sul. Em algumas situações, fica em evidência a crítica aos pilares do pensamento da modernidade, já em outras, a sua reivindicação acompanhada de autocrítica. Podemos dizer que os diversos discursos partem de uma insatisfação com uma totalidade generalizante, por isso são importantes as rachaduras que nos permitem acessar espaços de imaginação política.

Dessas rachaduras podemos destacar mais algumas preocupações compartilhadas pelas perspectivas teóricas e metodológicas do grupo, que observa uma articulação entre as áreas da museologia, da filosofia, da antropologia, da psicologia, da historiografia e da pedagogia com o campo do Patrimônio, permeadas pelas ideias da Museologia Social, produzindo intensos debates sobre políticas públicas, acessibilidade e campos de trabalho.

Entre os variados recortes epistemológicos presentes no grupo, se faz necessário destacar algumas tendências pedagógicas que orientam o trabalho educativo e cultural dos seus integrantes, educadores museais e pesquisadores. Uma das concepções educacionais mais discutidas e reivindicadas pelos integrantes é a Pedagogia libertadora (ou da libertação) de Paulo Freire, além da Pedagogia Histórico Crítica, referenciada em Demerval Saviani, e ainda estando presente, as teorias de aprendizagem desenvolvidas por Jean Piaget e Lev Vygotsky, conhecidas como pedagogia construtivista. Apesar de partir de análises epistemes e ontológicas distintas, as discussões no grupo sempre são realizadas de maneira cordial e respeitosa, valorizando a construção coletiva do campo e a formação continuada dialógica dos seu integrantes, visando ao alcance de objetivos comuns para a Educação Museal, que forma a base para qualquer debate e ação realizados no âmbito do GPEM.

Educação museal: campo em construção

Entre as marcas do GPEM reside uma imensa disposição para abrigar a diversidade, em suas mais variadas dimensões. O respeito à pluralidade

de pensamento torna a polifonia, presente nas discussões, um caminho para produção acadêmica e profissional compartilhada. A valorização da construção coletiva do conhecimento pode ser apontada como um emblema do grupo, que reúne pessoas de variadas instituições, localizadas em diversas regiões do país.

A relevância do GPEM está na oportunidade de debates inerentes à construção da Educação Museal enquanto campo singular de saber. Essa especificidade é constituída pelo reconhecimento contínuo da incompletude de nossos conhecimentos, atravessados por nossas experiências pessoais. As diferenças, que poderiam formar barreiras entre os membros do grupo, são nossas pontes. Conexões que almejamos estabelecer pela paixão que nos move.

Cada encontro é um momento de interrupção, de suspensão de certezas e flexibilização de pontos de vista. As ideias parciais sobre a Educação Museal nascem de conflitos travados subjetivamente, graças à interlocução com outros estudiosos do tema.

Defendemos uma Educação Museal provocadora, crítica, dialógica e situada historicamente. Reconhecemos que esses são os primeiros passos de uma jornada que escolhemos trilhar coletivamente. Aprendendo com o mundo. Aprendendo com as pessoas. Buscando conceitos que não estejam baseados na negação, para que de nossas interrogações e reticências surjam as exclamações do campo científico que trabalhamos para definir. Em tempos de incerteza, almejamos que nossa produção seja bandeira de resistência.

Compreendemos a Educação Museal como um conceito em construção, tendo a Política Nacional de Educação Museal e os verbetes presentes em seu [Caderno](#), como horizonte e base de reflexão.

Por uma teoria crítica da educação museal

Há uma posição, geralmente expressada, de que não há um consenso unificado sobre o que é, ou deve ser, a Educação Museal. Esse ponto de vista, expresso em poucas palavras, não dá conta de uma realidade complexa sem ser problematizado.

Como já destacado anteriormente, o GPEM é situado historicamente e é consequência de um acúmulo histórico. Mas ao mesmo tempo, o Grupo é um potencializador de desejos que só vão se desenvolver no futuro.

Nesse sentido, justamente por não haver consenso em tudo, é possível pensar neste Grupo de Pesquisa. Os próprios acordos podem ser problematizados enquanto significação de um pensamento homogêneo. Aqui, o dissenso pode representar uma contraposição, uma posição fundamentalmente aberta e heterogênea, no diálogo.

A partir de um ponto de vista dissensual podemos entender como as constelações de saberes presentes no Grupo podem ser articuladas com vistas à uma Teoria Crítica da Educação Museal. A partir dessa perspectiva se reconhecem os pontos de vistas críticos como aglutinadores da diferença do pensamento, em suas mais variadas formas.

Pensar em uma Teoria Crítica da Educação Museal é um pensar desejante e ativo. Essa teoria também pode representar uma corrente de articulação permanente entre diversas teorias que se fazem críticas em suas perspectivas individuais e se potencializam em conjunto enquanto crítica geral em uma forma plural e mais abrangente.

De todo modo, o que está em construção aqui é a proposta de criação compartilhada de uma teoria da Educação Museal que sirva a nossa realidade e de nossos pares: educadores museais latinoamericanos, africanos, de todo o eixo sul, de países antes colonizados, mas sempre emergentes em resistência.

Realidades em que a luta pela construção e fortalecimento do campo cultural e museal, especificamente, são marcadas por disputas, consensos e conflitos, por criação e recriação nacional, valorização de saberes locais e reconhecimento do lugar de cada um num mundo que produz cultura historicamente.

Essa teoria ainda está por vir e é exatamente na medida em que ela não aconteceu que pode surgir a qualquer momento. Levantemo-nos e sigamos, juntos, por sua construção.

Notas

- 1 Os resultados da pesquisa ainda não foram publicados e estão em fase de análise.
- 2 COSTA, Andrea. A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE EDUCADORES MUSEAIS: PROJETO EM CONSTRUÇÃO. Revista Docência e Cibercultura, v. 3, n. 2, mai-ago, 2019, P. 87-89.
Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/44693/30488>>.

Referências

COSTA, Andréa. A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE EDUCADORES MUSEAIS: PROJETO EM CONSTRUÇÃO. Revista Docência e Cibercultura, v. 3, n. 2, mai-ago, 2019, P. 87-89. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/44693/30488>>

DGP.CNPQ. Grupo de Pesquisa Educação Museal: conceitos, história e políticas. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/501637>

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O GRUPO DE ESTUDOS DA REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DA BAHIA

Igor Alexander Nascimento de Souza *

Hilda Bárbara Maia Cezário

Mona Ribeiro Nascimento

Leane Cristina Ferreira Gonçalves

Introdução

Na manhã do dia 18 de novembro de 2010, dentro da programação do 2º Encontro Baiano de Museus, cujo tema foi *Inovação e Sustentabilidade*, foi realizado um painel temático intitulado *Fomento e Implementação da Rede de Educadores em Museus*, estando à frente, como convidada da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Portugal, a Prof.^a Dra. Maria Célia Teixeira Moura Santos. Após dez anos, consideramos este evento como a aurora da **Rede de Educadores em Museus da Bahia (REM-BA)** e a professora Maria Célia como madrinha, profissional cujo papel em favorecer a Educação Museal é digno de nota, sendo nossa grande homenageada nesta Década.

Neste primeiro decênio, a REM-BA atuou em muitas frentes, mobilizando agentes pelo vasto território estadual, dialogando com as redes de outros estados, assim como com a Rede de Educadores em Museus do Brasil (REM BR) e o poder público. Criada com o objetivo de ser um fórum permanente de produção e difusão de conhecimento sobre Educação Museal na Bahia, constituiu-se como um coletivo cultural específico sobre o tema, sem fins lucrativos, de caráter não governamental, suprapartidário e não confessional. Compreende-se, portanto, como uma coletividade de iniciativa da sociedade civil, articulada por profissionais oriundos de vários segmentos das áreas de cultura, ciências e educação, atuantes no campo da Educação Museal, que afirmam o respeito à formação integral, aos

* Igor Alexander Nascimento de Souza - Historiador. Doutorando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura/UFBA). E-mail: igorpatrimoniocultural@gmail.com.

Hilda Bárbara Maia Cezário - Museóloga. Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social pelo Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social da UFBA. E-mail: hbarbaramaia@gmail.com.

Mona Ribeiro Nascimento - Museóloga. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: monaribe@gmail.com.

Leane Cristina Ferreira Gonçalves - Museóloga. Assessora Técnica do Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia (MC&T-BA). E-mail: leanecristina@gmail.com.

direitos humanos, à democracia, à educação para a autonomia, à cidadania e à emancipação dos sujeitos, sendo esses princípios fundamentais de sua organização interna.

Nesse estro, dedicamos o segundo semestre de 2020 para celebrarmos nossa Rede, lançando mão de algumas atividades que nos são muito caras, como a implementação do Grupo de Estudos em Educação Museal, desejo antigo do coletivo e o Ciclo de Comemoração dos 10 anos da REM-BA, que remonta o nosso caminhar e homenageia não só a nossa madrinha, mas também a todas aquelas e aqueles que ajudaram a construir a REM-BA ao longo dos anos. No bojo dessas ações, inclui-se também a publicação e lançamento dos anais eletrônicos do Encontro Baiano de Educação Museal (no prelo), realizado em 2019, no Museu Carlos Costa Pinto, em Salvador-BA.

Este breve relato de experiência que ora apresentamos, realizado a partir da provocação do Núcleo de Educação do Museu Histórico Nacional (MHN), diz respeito justamente a uma das nossas atividades celebrativas: o **Grupo de Estudo em Educação Museal da REM-BA**. Acreditamos que o compartilhamento do conhecimento que adquirimos com nossas práticas poderão beneficiar de alguma maneira a proposta de contribuir com a formação de profissionais de educação museal, com a difusão do conhecimento produzido no campo e com a consolidação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), objetivos primários do projeto *Série de livros online “Educação museal: conceitos, história e políticas”*, organizado pela equipe do Núcleo de Educação do MHN, em que tivemos a honra de sermos convidados.

Lançamento do Grupo de Estudo em Educação Museal da REM-BA

Há muito que os componentes da REM-BA sentem a necessidade de aprofundar conhecimentos acerca da Educação Museal, tendo em vista a lacuna existente em cursos técnicos e superiores de museologia e afins, que não costumam oferecer componentes curriculares com esse conteúdo. Agências especializadas em patrimônio cultural como o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que possui um Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural (há componente curricular em Educação Patrimonial, mas não museal) e o Ipac (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia), responsável pela política museológica estadual, não investem nesse campo.

O jovem Ibram (Instituto Brasileiro de Museus), ainda que de forma incipiente, vem se destacando, oferecendo formação no campo da Educação Museal, eventualmente, como os cursos *Educação Museal e Acessibilidade*, *Curso básico de educação museal* e o *Educação Museal Online*, promovidos pelo MHN, mas que não dão conta da crescente demanda nacional. Diagnosticando essa fragilidade é que os membros da REM-BA propuseram, em uma reunião ordinária, a criação de um grupo de estudos dedicado especificamente à Educação Museal, beneficiando a construção de conhecimento sobre conceitos e teorias, sobretudo, mas também práticas e experiências.

Em 2020 a ideia começou a tomar forma até que, em março, a pandemia que assolou o planeta chegou em Pindorama, nos impelindo ao isolamento social e a eventuais quarentenas. O que parecia ser um empecilho ao desenvolvimento da proposta tornou-se um elemento positivo, pois a necessidade do uso de recursos eletrônicos e plataformas para reuniões remotas fez com que tivéssemos agentes interessados em participar provenientes de todo o território nacional, o que nos surpreendeu, revelando o passivo existente em nossa sociedade referente à formação em Educação Museal.

O comitê gestor da REM-BA¹, eleito em 2018 com o objetivo de atuar como um núcleo administrativo e mobilizador do coletivo, prezando pelo cumprimento do Regimento Interno e da Carta de Princípios, se debruçou sobre experiências de grupos de estudo, buscando inspiração para o início dos trabalhos e o esboço de um anteprojeto que fundamentasse a proposta. Verificamos que muito havia sobre grupos de pesquisa, funcionando majoritariamente em ambientes acadêmicos, com financiamento de agências específicas e liderados por docentes, mas pouco foi encontrado sobre grupos de estudo dentro daquilo que almejávamos. Em nossas pesquisas, pululavam sites e experiências voltadas ao público infantojuvenil, quase sempre relacionados ao reforço escolar em âmbito presencial, contando com no máximo dez participantes, o que não nos atendia.

A partir dessa busca inspiradora, nos inclinamos à construção de uma metodologia que desse vazão aos nossos objetivos, estruturada da seguinte forma:

- I. A definição de calendário prévio, de periodicidade mensal, com pré-seleção de macro temas a serem alinhados pelo coletivo nos encontros;

2. Cada encontro deve possuir um tema gerador, estudado previamente através de textos norteadores, organizados em referenciais e complementares, mesclando diversos gêneros textuais;
3. A curadoria dos textos deve ser cooperativa e rotativa, estimulando a participação e corresponsabilidade dos membros pelo projeto;
4. Os textos referenciais devem ser lidos por todos os membros do grupo, sendo que, a cada encontro, um ou mais debatedores são responsáveis pela apresentação (apontar o contexto, referências, estabelecer conexões e levantar questões);
5. Cada encontro deve contar com dois memorialistas, responsáveis por registrar as principais ideias, a partir da síntese das falas e observações oriundas dos debates;
6. Ao final de cada encontro define-se o tema do próximo, bem como o respectivo Grupo de Trabalho responsável pela atividade seguinte, composto pelos debatedores e memorialistas, prezando pela rotatividade dos membros;
7. O Grupo de Trabalho deve enviar os textos elencados aos demais membros do grupo com antecedência mínima de 15 dias, compreendendo um tempo para leituras e reflexões. Enquanto os memorialistas devem disponibilizar as memórias em até 15 dias após o último encontro.
8. A comunicação ocorre tanto pela lista de *e-mails* dos membros, como através de grupo no Facebook (funciona principalmente como repositório dos temas e textos trabalhados, bem como das memórias dos encontros).

Partindo desse alinhamento, decidimos lançar o **Grupo de Estudo em Educação Museal da REM-BA** no Congresso Virtual UFBA 2020: *universidade em movimento* (ocorrido entre os dias 18 e 29 de maio), fortalecendo a universidade pública brasileira, em processo de obstaculização, e dando maior impulso ao nosso projeto. Submetemos a proposta intitulada *Educação Museal: a história por trás da ideia* à organização do congresso, que prontamente o aceitou. Em formato de roda de conversa, fomos ao ar via TV UFBA² e demais canais oficiais no dia 21 de maio, às 15h, alcançando

200 visualizações ao vivo, número de participantes muito acima do que estamos acostumados³.

A roda teve início com a apresentação geral dos participantes seguida de uma breve exibição sobre a REM-BA, considerando que muitos presentes não eram membros da nossa rede, muito menos do estado da Bahia. Após esse quebra-gelo, no intuito de procurar entender como o campo da Educação Museal foi e vem sendo construído, buscamos levantar a história por trás da ideia, através de falas inspiradoras que sintetizassem a relação entre Museu e Educação dentro do processo histórico, notadamente nos séculos XX e XXI. Como numa linha do tempo, partimos da construção do curso técnico em museus do Museu Nacional, criado em 1922 no bojo das comemorações do centenário da independência, até a construção da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) e a publicação do seu Caderno.

Finalizadas as falas e o debate, apresentamos uma proposta de cronograma de encontros, tendo início em 17 de junho com a discussão de três textos introdutórios: 1. *As concepções pedagógicas na história da educação brasileira*, do professor Demerval Saviani (2005); 2. *O que é, afinal, a educação patrimonial? Uma análise do Guia Básico de Educação Patrimonial*, artigo do historiador João Demarchi (2018) importante para o entendimento das diferenças e especificidades entre a Educação Patrimonial e a Educação Museal; e 3. *Breve histórico da Educação Museal no Brasil*, um dos capítulos iniciais do Caderno da Política Nacional de Educação Museal (2018).

Os demais textos, base para os futuros encontros, seriam escolhidos adiante, de acordo com o seguinte cronograma temático, podendo ser readequado a partir dos debates e ocorrências:

- 15/07 - PNEM: processo de construção do atual marco diretório do campo da Educação Museal brasileiro;
- 12/08 - Educação Museal online ou à distância: relações com tecnologias e outras formas de conexão;
- 09/09 - Educação Museal e Acessibilidade: Caminhos para uma acessibilidade universal;
- 21/10 - Educação Museal na formação de professores da Educação Básica: aprofundando a relação do Museu com a Escola;
- 18/11 - Educação Museal e Relações Étnico-Raciais: debates acerca do racismo estrutural

Vale lembrar que os 59 integrantes iniciais do Grupo de Estudos se inscreveram por meio de um formulário disponibilizado com antecedência, via plataforma *google docs*, sinalizando interesse em aderir aos estudos, sendo que a maior parte não pertencia à REM-BA. O grande número de interessados nos surpreendeu positivamente, ao mesmo tempo em que tivemos certa preocupação, tendo em vista que nosso levantamento de experiências pretéritas indicava grupos com uma dezena de estudantes, e não seis. Encaramos o desafio, tendo, até o momento, ensaios muito bons de curadorias, leituras, debates e memórias, além do próprio desenvolvimento de sentimento de grupo, em que percebemos os membros mais à vontade para se expressar, ainda que com as limitações e travas atreladas à virtualidade, mas notadamente imbuídos da proposta e mais partícipes da ação.

Encontros do Grupo de Estudo em Educação Museal da REM-BA

Às 14h, do dia 17 de junho, através da plataforma *google meets*, iniciamos nosso primeiro encontro após o lançamento no Congresso Virtual UFBA 2020, visando aprofundar as reflexões em torno do tema *Educação Museal: uma história por trás da ideia*. Para favorecer um proveitoso diálogo, dois dias antes enviamos uma mensagem aos inscritos com algumas orientações, lembrando as etapas metodológicas a serem seguidas. Os dez primeiros minutos seriam reservados para o acolhimento feito pela mediação e para a apresentação da metodologia, os 30 minutos seguintes, divididos em três partes iguais, ficariam disponíveis para os debatedores, enquanto que o restante seria reservado para a participação dos estudantes, que deveriam se inscrever por *chat*, tendo três minutos cada, perfazendo uma hora de discussão. Por fim, encerraríamos com os devidos encaminhamentos, definindo os próximos debatedores e memorialistas.

Considerando a quantidade de inscritos, tomamos mais alguns cuidados com a participação *online*. Pedimos que cada um se apresentasse via bate-papo indicando nome, cidade, vínculo institucional (caso houvesse), área de atuação e interesse. Orientamos que a ordem do debate seria através da inscrição da fala via o bate-papo e que as considerações orais fossem antecedidas da identificação, tudo organizado pela mediação, inclusive o controle do tempo das elocuições. Ao final deste primeiro encontro criamos um grupo específico no Facebook⁴, com a previsão de espaço virtual para discussões assíncronas e para deliberar questões mais voltadas

ao funcionamento do grupo e dar continuidade às reflexões empreendidas nas parcas duas horas de encontro mensais.

Seguindo o mesmo método, o Grupo de Trabalho responsável pela organização do segundo encontro enviou mensagem via e-mail, no dia 6 de julho, informando os textos que deveriam ser lidos para os debates do dia 15 de julho, cujo tema foi *PNEM: processo de construção do atual marco diretório do campo da Educação Museal brasileiro*. O primeiro foi o artigo da educadora Fernanda Castro (2019,) intitulado *A construção do campo da Educação Museal: Políticas Públicas e prática profissional*, publicado na Revista *Docência e Cibercultura*. O segundo foi o capítulo 3, *Educação Museal como conceito: uma experiência possível*, da dissertação do prof. Valdemar Lima (2017) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, cujo título é *A Educação Museal no Pensamento Museológico Contemporâneo: Musealidade da Educação e Delineamentos para uma proposta Política Educacional a partir do uso Social da Memória*. Por fim, solicitamos a leitura do *blog* da PNEM, acessando o *Histórico das Discussões para Construção da PNEM*.

No dia 12 de agosto realizamos o terceiro encontro do Grupo de Estudos, tendo como tema gerador *Educação Museal online e/ou à distância: relações com tecnologias e outras formas de conexão*. Para nortear a discussão, a curadoria selecionou o artigo *Comunicação e informação de museus na Internet e o visitante virtual*, da prof.^a Rosane Carvalho (2008), publicado na Revista *Eletrônica* do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O segundo texto também foi um artigo, de autoria de Frieda Marti e Edméa Santos (2019), publicado na Revista *Docência e Cibercultura* com o título *Educação Museal online: a Educação Museal na/com a cibercultura*. Foram selecionados mais três textos complementares caso algum membro tivesse interesse em se aprofundar na temática. Com a experiência acumulada percebemos que a seleção de apenas dois textos referenciais e a ampliação do tempo de debate favorecia o Grupo, nesse sentido, passamos a propor textos complementares, dando mais atenção aos dois prioritários, e aumentamos em cinco minutos a fala dos debatedores.

Para o encontro de setembro (dia 9), decidimos alterar a ordem dos temas geradores, antecipando *Educação Museal e Relações Étnico-Raciais: Debates acerca do racismo estrutural*, pois entendemos que a discussão sobre o racismo deve ser perene, ocupando todos os espaços, não somente o Novembro

Negro, mês em que há certa saturação do tema. A curadoria deliberada no encontro anterior selecionou dois textos referenciais: os capítulos 1 *Raça e Racismo*, e 2 *Raça e Ideologia*, da obra *Racismo Estrutural*, do prof. Silvio Almeida (2019), oitavo livro de não-ficção mais vendido no Brasil em 2020, segundo a Revista Veja; e o artigo *Representações e pedagogias culturais: o que se ensina sobre o negro nos Museus do Rio Grande do Sul*, publicado na X ANPED SUL, de autoria das professoras Maria Zubaran e Lisandra Rodrigues (2014). Como suplemento assistimos ao videoclipe *Apeshit*, do The Carters (2018), e um trecho do filme *Pantera Negra*, de Ryan Coogler (2018), ambos tratando da relação entre racismo e museus. Complementarmente, foram sugeridos mais quatro textos sobre a temática.

As discussões do encontro de setembro foram tão ricas e acaloradas que o grupo deliberou a troca do tema gerador para o dia 7 de outubro, definindo que seria *Museologia social, descolonialidade e descolonização de museus*, dando continuidade ao debate. O primeiro texto escolhido foi de autoria da prof.^a Luciana Ballestrin (2013), publicado como artigo na Revista Brasileira de Ciência Política com o título *América Latina e o giro decolonial*. O segundo foi do prof. Bruno Brullon (2020), publicado nos Anais do Museu Paulista com o título *Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus*. Como referências complementares foram escolhidos cinco textos.

Até a finalização desse relato de experiência, o Grupo de Estudos em Educação Museal da REM-BA realizou cinco encontros muito proveitosos, tendo agendado mais dois com os temas *Educação Museal e Acessibilidade: Caminhos para uma acessibilidade universal*, no dia 04 de novembro, e *Educação Museal na Formação de Professores da Educação Básica: Aprofundando a relação do Museu com a Escola*, no dia 02 de dezembro, fechando o ano de 2020 concretizando um pleito antigo, que nos incitava há algum tempo.

Um momentâneo desfecho e alguns votos para o futuro

Reiteramos nossa satisfação em realizar esse relato, contribuindo minimamente com a formação de profissionais de educação museal e com a PNEM, difundindo nossas experiências enquanto coletivo. Nossa expectativa para o futuro é que os esforços das muitas Redes de Educadores em Museus, com o apoio dos profissionais e instituições parceiras, como o Ibram e o

MHN, favoreçam a profissionalização e o reconhecimento do campo da educação museal, inspirando a criação de componentes curriculares, cursos e especializações mais categóricas, considerando o desígnio existente na sociedade brasileira.

Em vista disso, ressaltamos a *Recomendação de Salvador*, documento patrimonial decorrente do Encontro Baiano de Educação Museal (2019), cujas quarta e oitava recomendações propõem “4. Debater entre as REMs a possibilidade de criação de uma Associação Nacional de Educadores Museais, com vistas ao fortalecimento da profissionalização da educação museal e do campo” (REDE, 2019, p. 67); e “8. Promover a inserção de componentes curriculares acerca da Educação Museal nas graduações e programas de pós-graduação em Museologia, Pedagogia, licenciaturas e áreas afins, formando profissionais sensíveis à temática” (REDE, 2019, p. 67).

Notas

- 1 O comitê gestor da REM-BA (Gestão Educação e Participação - Biênio 2018-2020) é formado pelas autoras e autor deste relato. A museóloga Hilda Bárbara substituiu a *designer* Salete Maso, profissional que compunha o comitê.
- 2 Disponível em: <https://www.youtube.com/tvufba>
- 3 É possível conferir a roda de conversa *Educação Museal: a história por trás da ideia* no seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=rtvkPynjhGI&t=21s&ab_channel=TVUFBA
- 4 É possível acessar o endereço da REM-BA no Facebook. Disponível em: @ [rededeeducadoresemuseusdabahia](https://www.facebook.com/rededeeducadoresemuseusdabahia)

Referências

ALMEIDA, Silvio L. de. Raça e Ideologia. In: _____. **Racismo estrutural**. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 38-52.

_____. Raça e Racismo. In: _____. **Racismo estrutural**. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 17-37.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 11, p. 89-117, ago. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020.

BLOG DA PNEM. Histórico das Discussões para Construção da PNEM. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/forums/forum/historico-pnem/>>. Acesso em: 8 out. 2020.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 28, e1, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v28/1982-0267-anaismp-28-e1.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020.

CARVALHO, Roseane M. R. de. Comunicação e informação de museus na Internet e o visitante virtual. **Museologia e patrimônio PPG-PMUS UNIRIO - MAST**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 83-93 jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/8/4>>. Acesso em: 8 out. 2020.

CASTRO, Fernanda S. R. de. A construção do campo da Educação Museal: Políticas Públicas e prática profissional. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 90-114, set. 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/40706/30489>>. Acesso em: 8 out. 2020.

COOGLER, Ryan. **Pantera Negra**. (Cena no museu). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uYM8rz9a1B8>>. Acesso em: 10 out. 2020.

DEMARCHI, João. O que é, afinal, a educação patrimonial? Uma análise do Guia Básico de Educação Patrimonial. **Revista CPC**, v.13, n. 25, p. 140-162, jan/set. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/144337>>. Acesso em: 8 out. 2020.

MARTI, Frieda M.; SANTOS, Edméa O. dos. Educação Museal Online: a Educação Museal na/com a cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 41-66, set. 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/44589>>. Acesso em: 8 out. 2020.

IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Ibram. 2018. p. 13-22. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2020.

LIMA, Valdemar A. Educação Museal como conceito: uma experiência possível. In: _____. **A Educação Museal no Pensamento Museológico Contemporâneo: Musealidade da Educação e Delineamentos para uma**

proposta Política Educacional a partir do uso Social da Memória. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 97-135. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188265>>. Acesso em: 8 out. 2020.

REDE de Educadores em Museus da Bahia. Recomendação de Salvador. **Revista Jovens Cientistas/ Instituto de Biologia Universidade Federal da Bahia (Edição especial com os anais do Encontro Baiano de Educação Museal)**, Salvador, Ano.6, n. 18, dez. 2019, p. 66-67. (No prelo).

SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira.** (Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq), s/l: 2005. Disponível em: <https://www5.unioeste.br/portalunioeste/images/files/PHC/3._Artigo_-_Saviani_-_Asc_concep%C3%A7%C3%B5es_pedag%C3%B3gicas_na_hist%C3%B3ria_da_educa._brasileira.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.

THE CARTERS. **Apeshit.** Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kbMqWXnpXcA>>. Acesso em: 8 out.2020.

ZUBARAN, Maria A.; MACHADO, Lisandra M. R. Representações e pedagogias culturais: o que se ensina sobre o negro nos Museus do Rio Grande do Sul. **X Anped Sul.** UDESC/Florianópolis-SC, outubro de 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1205-1.pdf>. Acesso em 8 out. 2020.

FICHA TÉCNICA

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério do Turismo

Marcelo Álvaro Antônio

Secretaria Especial de Cultura

Mário Frias

Instituto Brasileiro de Museus

Pedro Machado Mastrobuono

Museu Histórico Nacional

Vania Drummond Bonelli
(Diretora Substituta)

Divisão Técnica

Maria De Simone Ferreira

Setor de Dinâmica Cultural

Flávia Limoeiro Figueiredo

Núcleo de Educação

Servidores

Diogo Guarnieri Tubbs (Chefe)
Fernanda Santana Rabello de Castro
Flávio Rezende de Carvalho
Lúcia da Mata Coutinho

Valéria Regina Abdalla Farias

Silvana de Pinho

Núcleo de Pesquisa

Aline Montenegro Magalhães

Álvaro Marins

Rafael Bezerra Zamorano (Chefe)

Núcleo de Expografia

Servidora

Flávia Limoeiro Figueiredo

Apoio Administrativo

George de Abreu

Assessoria de Comunicação

Geyzon Dantas Bezerra

Isabela Maria de Oliveira Borsani

Organização

Andrea Fernandes Costa

Fernanda Santana Rabello de Castro

Ozias de Jesus Soares

Projeto Gráfico

Memória Visual Ltda

Izabel Ferreira

Raquel Silva

Realização:



Apoio

